ANNO XXVI N.º 53
Rio, 31 de Dezembro de 1932
PREÇO: 1$000
FON-FON

O conto brasileiro

UMA MULHER SENSATA

De Antonio Marrocos de Araujo

(A Martins Capistrano)

ALTO, loiro, delgado, denunciando, no sanguineo da pelle e nas linhas puras do corpo, vestigios accentuados da raça germanica, Anthenor de Alencastro era um dos mais bellos, e fortes, rapazes de Natal. Apesar de filho de paes humildes, que vinham atravessando a existencia atribulada quasi no pauperismo, não lhe faltaram na adolescencia os recursos monetarios imprescindiveis para que frequentasse collegios e, mais tarde, cursasse mesmo estabelecimentos secundarios. O seu espirito bebeu ensinamentos uteis, saturou-se das divagações sadias, que, dia a dia, fluiam, como de uma fonte perenne e inexgotavel, dos labios dos seus preceptores.

O seu temperamento, ás vezes impetuoso e aggressivo, ajustou-se, porém, aos doces conselhos dos velhos e á brandura recommendada pelas pessôas sensatas de suas relações. Graças á influencia benefica das ponderações que lhe eram feitas por espiritos equilibrados, e amigos, as arestas do seu genio como que se gastaram, limadas pelos constantes conselhos de uns e pela vigilancia indormida de outros, guiando-o, sem desfallecimentos, para a estrada do bem. Assim se fez homem Anthenor de Alencastro.

Era expansivo, de uma exaggerada alacridade, quando penetrava nos salões deslumbrantes de luz e de luxo, onde pares se entrelaçavam, para o redemoinho da dança.

E parecia pisar o Eden, o mais delicioso dos recantos da terra, quando penetrava num baile. A delicia antegozada de pousar a mão em espaduas brancas como luares e macias como velludo, e de estreitar com os braços cinturas finas e colleantes, com a mesma volupia com que uma serpente laça e verga um tronco nascente e fragil, accendia-lhe um desejo louco na mente enfebrecida e no coração insatisfeito...

Foi uma noite, na praia de Petropolis — a festa ia avançada, provocando arrepios voluptuosos nos seus frequentadores — que Anthenor começou a dispensar uma certa attenção a Carmen Neves, denunciadora de uma paixão repentina, e inexplicavel.

Inexplicavel, porque, de ha muito, havia entre os dois uma intimidade despreoccupada, naturalissima, de almas que não nascêram para uma união eterna. Carmen Neves era rica, e filha do abastado commerciante Clodoaldo Neves E não seria aquella paixão de Anthenor inspirada apenas pelo brilho seductor do oiro? .

Ninguem o sabia.

De qualquer fórma, a festa continuava num *bungalow* moderno e invejavel, pequeno ninho doirado, que, áquella hora, não agazalhava mais de dez pássaros, cujas azas, como as de Mercurio, eram nos pés, e que, naquelle ambito perfumado e cheio de melodias doces, voavam nos revoluteios da dança. E essa aprazivel vivenda, que mais parecia, a quem a visse de longe, uma pequenina caixa illuminada, dentro da noite, estava pousada na alcandorada praia de Petropolis, a mais linda e pittoresca da capital potyguar. Lá em baixo, o mar rolava e rugia, no seu choro triste de gigante infeliz... Um vento brando entrava pelas janellas, e era tão fresco que parecia trazer ainda a humidade das lagrimas do Oceano... E, alli dentro, naquelle recinto polvilhado de oiro, o destino estava tramando, com os seus dedos mysteriosos e invisiveis, a teia da infelicidade, com que devia prender uma alma alegre, leve, e doce como a propria bondade...

Tempos depois, Anthenor e Carmen noivaram. Na alma della — tabernaculo perpetuo da sinceridade, onde a simulação e a hypocrisia não encontravam abrigo — a felicidade fazia uma festa perenne, e enfeitiçante.

Quem, porém, poderia sondar o coração de Anthenor? Um escaphandrista, mergulhando no abysmo do seu eu, encontraria lá a chamma viva e inapagavel do amôr ou o brilho vil do oiro, que degrada e corrompe?

Carmen, um dia, appareceu com um vestido leve, esvoaçante, de gaze immaculada. Cingia-lhe a fronte um diadema de niveos botões de laranjeira — a linda arvore que povôa sempre o sonho das noivas...

Impeccavel, no seu traje bem talhado, loiro e delgado, surge Anthenor, que se perturba ante a divina visão da sua futura companheira.

Um padre e um juiz — sacerdotes da religião e da lei — sellam aquella união, indestructivel perante Deus e os homens.

Os primeiros dias do novel casal correm plácidos, imperturbaveis, presididos pelo divino Eros. A joven esposa julgou resolvido o magno problema da sua felicidade terrena, porque elle — o seu marido — punha nos seus modos uma doçura tal, que só poderia ser o reflexo de um encantamento interior. E ella, com as suas mãos de pluma, mãos ethereas de deusa, fazia-lhe caricias doces, mal tocan-lhe o roseo da pelle européa, ou, com os braços recurvos, flexiveis serpentes de arminho, cingia o pescoço forte do seu Hercules manso, e bom, alevantando-lhe o rosto, para nos seus labios depositar um longo beijo, quente e voluptuoso...

O seu primeiro ninho de amôr, escolheram-no na Areia Prêta — tambem uma praia limpa, onde o mar se espoja, confiante e feliz, num vasto leito de areia...

Ventos salitrosos entram-lhes casa a dentro, em rajadas frescas, e acariciantes. O sol brilha sempre em cima, e em torno da vivenda, doirando tudo. A's vezes pula por uma janella, atrevido, e vae brincar dentro, nas salas, nas alcovas.

Agora, é noite. Noite illuminada, pulverizada de prata, cheia de luar.

O mar chora, sob o manto de neve que sobre elle estende o grande astro noctivago.

Ella — Carmen — como o mar, chora, e elle — Anthenor — o ingrato, não vem, não dá noticias, não telephona.

Meia noite. Para onde foi elle? Que lhe aconteceu? Victimou-o um desastre? Entrega-se á caricia de outras mulheres?

E o silencio da noite envolve-a, sem decifrar o grande enygma que sinistramente se lhe desenha na alma.

Um fonfonar, ao longe... A appro-

(*Cont. na pag. seguinte*)

NATACHA

FERIDO por uma bala em plena frente, o cavallo de Kornilev tombou, de repente. Aturdido pelo choque da queda, o legionario se levantou, lesto, apalpou seu corpo e recolheu seu casco para calçal-o immediatamente, pois o sol, apesar da hora matinal, queimava a pelle como braza.

Kornilev olhou em torno.

Seu pelotão já havia desappare cido ao longe, em uma nuvem avermelhada, rasgada intermittentemente pelo estampido das armas de fogo. Ninguem reparára em sua queda, pois nenhum caçador olha para traz quando a presa foge na frente. Animados pela esperança de alcançar os bandidos, o chefe de Kornilev e seus companheiros galopavam para os confins occidentaes. Onde se teria detido o pelotão? Onde acharia descanso para tantas fadigas? Onde notaria o desapparecimento de Kornilev? Impossivel prevêl-o. Mas uma coisa era certa: horas, muitas horas transcorreriam antes que viessem em seu auxilio.

— Nitchevo! — exclamou, de repente, Kornilev.

E, voltando as costas para o pelotão que se afastava, o legionario tomou vertiginosamente a direcção contraria.

O russo commettia uma loucura. Elle não o ignorava. Mas era aquella a unica opportunidade que se lhe offerecêra de ceder ao apaixonado desejo que lhe despedaçava o coração e lhe exaltava o espirito até o paroxismo. Aquelle desejo agia sobre elle á maneira de uma dessas trombas que nos mares tropicaes surprehendem os navios, fazendo-os rolar vertiginosamente para, afinal, devoral-os e leval-os ao fundo.

O legionario Kornilev achava-se em meio de uma região onde não havia vida, uma região sem hervas, sem agua e sem outros rastros além dos deixados pelos cavallos dos bandidos.

Dez milhas separavam o legionario Kornilev da aldeia mais proxima. Dez milhas devia elle percorrer antes de encontrar as primeiras planicies verdes, os primeiros mananciaes, os primeiros pastores indigenas. Mas Kornilev tinha confiança em seus musculos de aço e não duvidava que, ao chegar a noite, teria percorrido quarenta kilometros.

Eram apenas nove horas da manhã. O ar já lhe penetrava nos pulmões como uma onda de fogo. Deante de seus olhos, a paizagem adquiria contornos indecisos: dir-se-ia que uma neve movel ia interpondo-se entre as coisas. A areia incandescente do deserto se extendia como um mar infinito até o horizonte. O sol ardente inundava o deserto com a crueldade de seus raios.

E naquella decoração de inferno o russo legionario avançava com passo regular, cadenciado, mecánico.

Andou assim até meio dia. Qualquer outro homem teria renunciado áquella empresa heroica. Mas tanto o corpo como a vontade de Kornilev tinham resistencia de ferro. E a chamma de sua alma era ainda mais ardente que aquella planicie encendiada por onde elle procurava a rota.

Havia dois annos, uma nostalgia tremenda minava o coração do legionario. Oh, fugir transpôr o mar, atravessar a Europa, pisar a santa terra da Russia!... Tudo o mais lhe parecia miseravel e vão. Pouco a pouco, sua nostalgia adquirira esse grão de intensidade em que até o ar que se respira é insupportavel, em que até o companheiro é um ser odioso, tão odioso como o chefe tyrannico. A Russia, a Russia!... A santa terra da Russia!... E, na longinqua Russia, a mulher que Kornilev não via havia quatorze annos. A linda, a risonha Natacha Kernewsky.

Era em 1911. Ella contava então dezeseis annos. Kornilev recordava agora, emquanto cortava as areias do deserto, aquelle recanto do paraiso chamado Ostranowskoe, na Criméa. Ali se conheceram e se amaram. Ostranowskoe, e seus campos de flôres, e seus bosques de oliveiras, e sua grande casa branca! Ostranowskoe, e os sonhos, e os projectos, e os juramentos! Todo esse passado, todas essas esperanças haviam sido aniquilados primeiro pela guerra, e depois pela revolução. Elle, de fuga em fuga, de miseria em miseria, havia chegado áquelle regimento de cavallaria da Legião. E ella?... De Natacha, nada sabia Kornilev. Nada pudéra averiguar. Nada.

UMA MULHER SENSATA

(Conclusão)

ximação de um carro... E' elle... Mas — que desgraça! — vinha bebado...

Desfeita para sempre a teia de sua felicidade...

Anthenor, afeito á pobreza, commedido, quando rapaz, — casado, e senhor da fortuna e do dote da sua cara-metade, entregasse aos prazeres desvairados. Fôra aquella a primeira noite da sua iniciação no vicio, o primeiro mergulho no oceano da devassidão. Aberto o caminho largo do peccado, lá estava elle sempre a percorrêl-o.

Os doces afagos de Carmen, os seus beijos de um grande sabor intraduzivel, para elle possuiam apenas o tedio da banalidade. A mais degradada mulher dos cabarets do Recife — para onde, agora, de vez em vez, fazia excursões furtivas e rapidas, de automovel — tinha mais encanto, e mais graça, do que a sua amorosa Carmen.

O lar tornára-se para Anthenor a cova abominavel do aborrecimento, o antro tetrico do enfado. A sua alma parecia anesthesiada, insensivel ás brandas caricias da sua companheira dedicada. Uma impassibilidade marmórea, de cousa bruta, sem vida, revestia-lhe o todo, quando ella o cingia com os seus tentaculos de velludo, que eram os seus braços macios.

Clodoaldo Neves, já com o espirito pisado pelo martyrio imposto á sua filha — o seu maior thesouro na vida — chama-a, e diz-lhe, numa voz trémula que traie a dôr de seu coração de pae:

— Minha filha! Abandona este

De Marcelo Dupont

No começo de suas peregrinações e sobretudo quando chegou á Legião, Kornilev julgou que o esquecimento afogaria sua dôr. Mas, á medida que transcorria o tempo, só achava maiores penas, mais amarga desesperação. Por isso, preferindo a morte violenta á morte quotidiana daquelle inferno, aproveitou a primeira opportunidade para fugir do deserto e tentar o regresso á patria.

— Natacha!... Linda Natacha!... Minha Natacha!...

Kornilev marchava sem descanso. O suor ensopava-lhe a roupa. Seus pés, feitos duas chagas vivas, produziam-lhe dôres agudissimas. Para apressar seu passo, foi atirando fóra dos objectos inuteis de seu equipamento: as cartucheiras, o cinturão, o rifle.

E marchava, marchava com passo energico, methodico, viril. Não queria entregar-se ao cansaço que lhe pisava os calcanhares.

Mas chegou a sêde.

Kornilev sentiu, a principio, no paladar e na lingua, a aspera caricia de algo que parecia uma capa de cinza ardente. Seus labios incharam-se até partir-se. Depois, o fugitivo julgou que a lingua se lhe petrificava, endurecendo até cravar sua ponta na larynge, emquanto, a cada respiração, um ferro vermelho passava e repassava por seus bronchios. Por ultimo, a cada passo parecia sentir que a cabeça se lhe distendia como para explodir. Mas nem por um só momento pensou em deter-se!

Ostranowskoe!... Natacha!... Natacha!... A linda Natacha!...

De repente, o céo e a terra se tornaram de côr violeta. Dir-se-ia que deante dos olhos dilatados de Kornilev cahia uma chuva de fuligem. Rythmando a marcha do legionario, um sino começou a tanger longe, com pancadas surdas. Depois, esse sino se alojou na cabeça do fugitivo: era o badallo que batia a cada tranco nas parêdes do cráneo, com sonoridade metálica. Mas as pernas de Kornilev, firmes, não abandonavam seu mecánico vae-vem.

Bruscamente, o russo se deteve, dominado pela vertigem. Deante delle, oh, milagre!, a paizagem acabava de transformar-se. O chão desapparecia sob as flôres. No horizonte se delineavam immensos bosques de oliveiras. E, sobre esse fundo verde, se distinguia uma coisa branca. Ostranowskoe!

Kornilev gritou:

— Natacha!... Natacha!... Natacha!...

E, extendendo os braços, deitou a correr.

De repente, cahiu. Como havia cahido seu cavallo: rudemente, como si fôra ferido, elle tambem, por uma bala na cabeça.

* * *

Por seus dentes, que uma folha de faca entreabria, filtrou-se um pouco de agua, inundando-lhe a bôcca e a garganta com uma frescura esquisita.

Kornilev abriu os olhos, e murmurou:

— Natacha!... Minha linda Natacha!...

Por cima delle, uma voz rouca articulou:

— Salvar-se-á... Teve sorte... Dêem-me o aguardente.

Uma voz mais frágil ajuntou:

— De pouco lhe valerá a sorte... Só a um bruto como Kornilev poderia occorrer desertar da Legião!...

Kornilev abriu os olhos ainda mais. Deante delle, uma metralhadora mostrava seu corpo de aço. Varios homens de dorso nú olhavam o cahido. Eram indigenas. Dois képis inclinavam-se sobre Kornilev.

— Não — disse o homem da voz rouca. — Não se trata de uma deserção... E' um caso de loucura provocada pelo sol. O sol, ás vezes, faz perder o sentido da direcção.

— Kornilev perdeu-se... Que o levem, sob guarda, a seu esquadrão...

E Kornilev, que ouvira em silencio essas palavras, rompeu a chorar, murmurando:

— Natacha!... Natacha!... Natacha!...

---

mostro, que, senhor do teu dinheiro, desprezou o teu affecto. Desquita-te, e vem morar ao lado do teu velho pae e de tua bôa mãe, no remanso do nosso lar, o ninho de arminho onde cresceste, e te nutriste, e de onde sahiste para um recanto, onde deverias cultivar a arvore loira da felicidade, que, por pouco tempo, te encantou, — transformado-se, por um designio triste do destino, no espectro tetrico e apavorante do infortunio... Vem! Ao nosso lado, ao nosso tecto, haverá sempre um logar para ti, minha filha — joia da minha vida, suave imagem dos meus sonhos...

Carmen ergueu para seu pae os seus olhos estrellados de pranto, machucados pelo soffrimento, e balbuciou, num cicio de prece:

— Pae! Nunca! Elle é meu marido. Recebi-o perante Deus e a sociedade. Serei a sua companheira inseparavel em todo o meu peregrinar pela vida... Humilhada, batida pela miseria, acompanhal-o-ei sempre, pelas duras e asperas estradas da vida... Resignada, hei de ajuntar, cada dia, num supremo esforço, as minhas energias, para esperar pela sua regeneração... Honrado ou vil, elle é meu, e sel-o-á sempre... Curvo-me ao irremediavel...

Clodoaldo Neves ficou extactico ante a fortaleza de animo de Carmen.

Depois, num movimento instinctivo, marchou para ella, e, commovido, pousou, nos seus labios, um grande beijo enternecido e santo — naquelles labios de sua filha, e tambem, da mulher mais sensata do mundo...

O MILAGRE DA NOITE DE NATAL

HA mais de uma hora e meia que Pedro sahiu da obra onde trabalha e anda dando voltas pelo centro, parando a cada momento nas vitrinas, entrando e sahindo das casas commerciaes. Os embrulhos em suas mãos se foram multiplicando de tal fórma, que elle já não sabe como leval-os. Afinal, o homem pára numa esquina, deixa todos os embrulhos sobre o mármore de uma vitrine, enxuga o suor da fronte, e, emquanto se abana com o chapéo, de olhos fixos no chão, procura recordar o que foi comprando, para verificar si ainda lhe falta alguma coisa. Não, não esqueceu nada: o macarrão, o peixe, o pão doce, as fructas séccas, o assucar, o café... Sim, já comprou tudo o que lhe encommendou Gabriela, sua mulher, e mais alguma coisita.... Mette a mão no bolso das calças e apalpa o rollinho que está no fundo. Como o dinheiro se evapora!

Agora o problema para tomar o omnibus com tantos embrulhos.

Dois omnibus seguidos que iam para a Tijuca! Isto sim é que é ter sorte!

Pedro conseguiu installar-se no segundo vehiculo, e outra vez começa a se abanar com o chapéo...

Gabriela o está esperando na porta. Ajuda-o a collocar os embrulhos sobre a mesa que se acha no pateo e lhe dá uma cadeira.

— Oh, meu Deus! Quanta gente pelo centro! — exclama Pedro, emquanto vae tirando o paletó.

Gabriela, sorrindo, lhe apresenta um copo de agua fresca com limão e assucar.

— Não tomes assim de um folego, Pedro — diz ao marido, — que pódes apanhar algum resfriado!

E vae lentamente á cozinha, levando tudo o que trouxe seu marido. Pedro a segue com o olhar, movendo a cabeça. Está quasi chamando-a para consolál-a, para dissipar-lhe a tristeza que já leu em seus olhos, em seu sorriso. Mas desiste immediatamente, porque sabe que só faria augmentar sua pena. Seria pôr o dedo na chaga.

O homem comprehende que fracassou. Comprehende que, apesar de tudo o que trouxe, não haverá alegria em sua casa, aquella noite. No emtanto, resolve sobrepôr-se e fazer como si nada percebesse, para que, pelo menos, as meninas comessem um pouco de tudo...

E, com a cabeça baixa, o velho, ainda vigoroso, entra no quarto de banho para lavar o rosto e as mãos cheias de pedacinhos de cal sécca.

As tres moças, Lola, Elza e Pipita, foram chegando do emprego, e cada uma, depois de mudar de roupa, se poz a ajudar a mãe a preparar o jantar mais importante do anno.

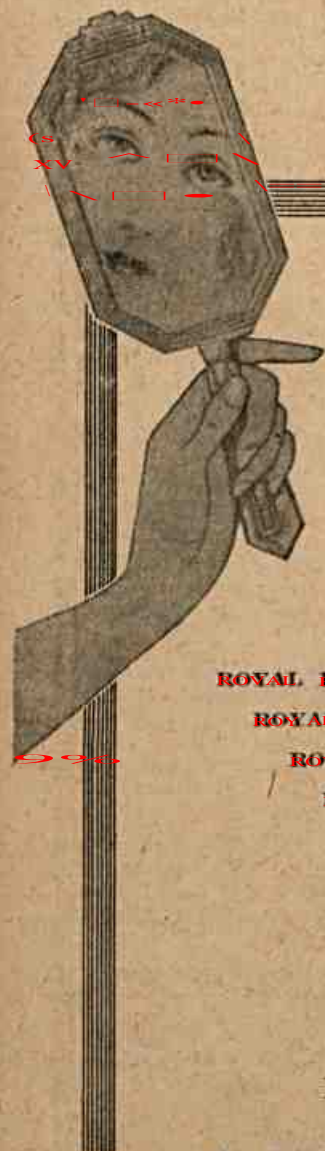
Mas as joyens não discutem, nem cantam, nem riem como de outras vezes. Vão fazendo tudo silenciosaemnte, como si temessem contrariar a mãe, que apenas lhes indica por signaes o que têm a fazer.

Cinco pessôas ha, agora, na casa e não se ouve uma unica voz. Cada uma das cinco procuram dissimular a mágoa que a domina e só conseguem augmentál-a ainda mais.... Dir-se-ia que a tristeza estava em todas as coisas que as rodeiam, na atmosphera que respiram.

Pedro está, agora, vestindo com uma camisa de collarinho, de fazenda com quadrinhos brancos e pretos. Seu rosto parece de cobre brunido e sua barba feita de espuma de mar. Trepado numa cadeira, accende as lanterninhas de papel que foi pendurando na corda de extender a roupa.

Pepita, que é a mais moça das filhas, colloca sobre a mesa a pequena arvore de Natal do anno anterior, testemunha muda que guarda em si toda a recordação daquella outra noite de Natal cheia de alegria e felicidade.

Tambem elle parece participar agora da tristeza que reina na casa.

Pedro senta-se na cadeira e, com o rosto apoiado nas mãos, olha sem ver sua filha que vae e vem da cozinha.

De Eduardo Pappo

— Guido! Guido! — exclama, em voz baixa.

E, com muita dissimulação, mette os dentes na mão direita, e aperta, aperta...

Comprehende, afinal, que commetteu um erro. Não, nunca devia ter levantado a mão para seu filho. Guido, apesar de tudo, já é um homem. Lá na Italia, na terra onde nasceu, é outra coisa. Aqui, os rapazes se criam de outro modo. Fala-se, ralha-se, mas nunca um pae deve chegar a isso. Guido já tem vinte e quatro annos! Mas, por que lhe havia respondido daquella maneira quando elle o reprehendeu? Qualquer homem sentiria subir-lhe o sangue á cabeça...

Si elle agora soubesse onde está Guido, iria buscal-o, mais por causa de sua mulher, que ha dois mezes não vive... Como se nota sua falta, nessa noite!

São nove horas. Já está tudo prompto. Só falta sentar-me á mesa, para o jantar. Pedro approxima sua cadeira e as moças o imitam.

Falta a mãe. Que está fazendo, que não vem de uma vez? Onde ficou?

Está na cozinha, chorando.

Pedro dá um murro na mesa e salta um prato, que se faz em pedaços no chão. As jovens levantam-se e correm á cozinha, para rodear a mãe.

— Já está feita a festa! — exclama Pedro, quando fica só.

As trez moças conseguem, por fim, convencer a mãe. Trazem-na. Sentam-na. Mas não, não é isso: o que Pedro quer é que ella se mostre contente. E como vae ficar assim, si lhe falta o filho?

O pae parte o pão e o distribúe em silencio.

Começa o jantar. Nem uma palavra. A mãe finge que come mas seus olhos vermelhos de tanto chorar, continuam sempre fixos no prato quebrado que está no chão.

E é quando se realiza o milagre. As pernas de Guido o trouxeram até á porta de sua casa. A suggestão que exerce em seu espirito o jantar da noite de Natal em seu lar é muito mais forte e póde mais que o rancor.

Agora elle transpõe o humbral. Entra. A mãe é a primeira que o vê. Parado na porta e lança um grito que não sabe bem si é de alegria ou de dôr.

As irmãs correm immediatamente ao encontro do rapaz. Cercam-no. Abraçam-no. A mãe não póde falar e cobre o filho de beijos. O pae, que tambem se levantou, estende-lhe a mão sem dizer uma só palavra. Mas olha-o de uma fórma que é como si lhe pedisse desculpa, cheio de gratidão porque elle voltou.

O filho comprehendeu e não precisa mais nada.

O prato, o talher e a cadeira já estão no logar de Guido. Não se sabe quem nem como os poz...

Agora as moças riem e gritam, fazendo grande algazarra.

Elza, que é sempre a mais alvoroçada, entorna um copo de vinho na toalha.

— Não tem importancia! Não é verdade, mamãe?

— Agora sim! — diz a mãe, enxugando as duas ultimas lagrimas com o avental.

E o talharim com peixe diminúe, diminúe... até que a travessa fica completamente vazia. Então, uma mão fina e branca a repassa com uma miga de pão...

ALLUCINAÇÃO

Olho em torno de mim e debalde perscruto
A treva que me envolve e a dor que me alanceia!
Em meio do mysterio indefinido escuto
Os harmonicos sons de um canto que me enleia.

De onde este som dolente, este canto impolluto,
Esta voz tão sublime e de harmonia cheia?
Mysterio! Impera em tudo a solidão, o luto
Desta noite sem fim que a minh'alma rodeia.

Eis que em meio da treva uma visão perpassa
Diffundindo-se em luz, e, após, como a fumaça,
Na treva que me envolve, emfim, desapparece!

E eu fico abandonado, extactico a escutar
O canto que se extingue ao longe, a se afastar
No murmurio subtil de um soluçar de prece.

MANOEL M. GRALHA

MARCHA FUNEBRE

I

O sr. Elysio, fincando os cotovellos na mesa de vime, um vinco forte na testa e sobrecenho fechado, ficou a encarar Fernando e, por fim, perguntou-lhe:

— O professor Fernando, quando tocava a *Marcha Funebre*, reparou na brusca retirada de Gerardo? Com a alma langorosamente inebriada de sonhos, Fernando Coelho havia acabado de tocar a sonata de Chopin. Tinhamos ainda aos ouvidos os sons do antigo poema polaco, desde os primeiros compassos, em que as cordas do Pleyl nos cantava a vida do cavalleiro dos tempos medievaes, — batendo-se nos campos de batalha pela patria, pelo rei, tendo, como alento, nas suas horas de vigilia — o sonho encantador do lar que o espera...

"Gerardo, sentado ao lado do piano, acompanhava, com vivo sentimento, o desenrolar da sonata. Ao entrar, porém, Fernando na *Marcha Funebre*, elle com os olhos quasi a saltarem das orbitas, secco, aspero, levantou-se precipitado e nervosamente e sahiu da sala."

— Talvez o professor ignore a razão por que Gerardo se retirou daquella maneira — proseguiu o sr. Elysio. — E' uma historia romantica, ligada á sua viuvez, que o impede, de modo singular, de ouvir esta musica. Si eu aqui estivesse quando a iniciou, o impediria de tocál-a. Comprehendo bem quanto soffre Gerardo ao ouvil-a. Bem sei que força occulta o arrasta sempre para junto do piano ao ouvir os sons dessa sonata. Ao chegar, porém, a *Marcha*, elle se retira e passa dias e dias recolhido em grande melancolia...

"Acompanhei, com mais interesse desde o inicio, o desenrolar desse romance, e assisti ao epilogo dessa historia revestida de uma romantica tristeza. Posso mesmo affirmar que, durante toda a minha vida, nunca presenciei facto que se me gravasse tão fundamente na memoria e me aguçasse os nervos de uma maneira particularissima. Foi aqui, nesta sala, que o conheci, quando, para uma audição intima, reunimos alguns amigos. Desde alli elle grangeou a nossa estima e confiança, tornando-se indispensavel á nossa casa. A principio, timido, apparecia espaçadamente; por fim, já mais intimo, as suas visitas eram feitas a meude. Só depois de muito tempo, percebi que Gerardo e minha sobrinha se amavam mutuamente... Não tardou muito Gerardo e Herminia se casaram, após um noivado feliz, realizando o mais bello sonho que desejavam.

Gerardo, após o casamento, foi para o interior, a convite de um amigo, aproveitar sua actividade de moço, na advocacia... A vida, ahi, corria-lhe bem. No afago do trabalho, a par de sua peregrina intelligencia, dentro em breve viu realizado o fructo de seu esforço. Animado, então, pela ansia de prosperar mais, e ante as nossas constantes insistencias, resolveu transferir-se para aqui...

"Herminia, cada vez mais feliz, ao lado do marido, pelo exito que elle dia a dia vinha alcançando, não poupava tambem esforços, auxiliando-o no escriptorio, lendo os autos, fazendo petições, escrevendo a machina...

"Em casa dava gosto ver os arranjos domesticos, — que ella não descuidava, — sob as suas multiplas innovações: collocava aqui uma cantoneira, um vaso de flôres, artisticamente disposto.

"O velho piano sahira da sua antiga capa de chitão desbotado, para vestir da de linho branco, mostrando, pelos bor-

De Achilles Vivacqua

dados, a madeira castanha. Apresentava a sala, agora, um aspecto novo e sorridente. Não raro, reunidos em sessão intima, ouviamos Herminia tocar a sonata de Chopin — que era como uma vida nova que resurgisse do passado, para o nosso encanto e enlevo. Infelizmente, a alegria deste lar constituido de singeleza e felicidade pouco durou.

"Quando Gerardo, vibrando de contentamento, viu o seu nome na legião dos bons advogados — Herminia adoecêra. Sua enfermidade, a principio, era de nenhuma importancia, e, por fim, seu estado se aggravou de uma maneira irremediavel. Aquella pontinha de tosse secca era o prenuncio de tudo.

Sim, a tosse assaltára-a em crises atrozes. Não tardaram os primeiros escarros de sangue. Gerardo, delicado como sempre, passava horas ao seu lado, perscultando-lhe o mal, animando-a, confortando-a com toda a dedicação. Assim passaram mezes. Certo dia, porém, o medico, deante de uma radiographia erguida para a luz baça, que se coava pelo vidro da janella, disséra-lhe, num tom de displicente impotencia, que nada mais podia fazer, pois já havia esgotado todos os recursos scientificos... De mais a mais, a febre tomára um caracter mais grave e, bem assim, o estado geral da doente.

" — Então o dr. não garante a cura? — perguntou Gerardo, attonito.

" — Os medicos, muitas vezes, têm o poder de curar, mas nunca de resuscitar os mortos... — disse, secco, com toda rudeza.

" — Quer dizer, com isto, que seu estado é grave!

" — Gravissimo.

"Ao ouvir, de chofre, essas affirmativas seccas e frias, que lhe arrancavam a ultima esperança — Gerardo quasi enlouquecêra.

"Redobrou elle de cuidados. Tocado por essa g r a n d e dôr recondita, passava o dia inteiro ao lado da esposa, amarfanhado numa cadeira, cobrindo-a de palavras carinhosas, procurando adivinhar-lhe o pensamento.

"Afinal, Herminia tem melhora sensivel. Recobramos, então, os animos já perdidos. Passaram os dias. Ella do leito já se erguia. Corria pelos quatro cantos da casa.

Apesar do estado de fraqueza em que se achava, de vez em vez, sentava-se ao piano, e correndo os dedos longos, pallidos, muito ao de leve, pelo teclado, tocava sempre a sonata predilecta — que muito lhe retemperava a alma. Logo que ella entrava na *Marcha Funebre*, os accordes eram mais suaves e sensiveis a seu espirito romantico. Nós a contemplavamos em silencio. Os seus dedos, de tão brancos, se confundiam com o marfim das teclas. Uma ansia, porém, ia, pouco a pouco, nos invadindo: era quando a musica crescia gradualmente...

"Momentos havia em que uma crise de choro e de nervos a surprehendia: era quando a musica, soturna a principio, lembrando os écos dos sinos ao longe, crescia gradualmente, como si fosse a procissão aproximando-se, no rythmo rijo da marcha funebre... Então, ella ahi parava e, com a voz sumida de choro, murmurava:

" — Ah! Gerardo, quantas vezes tenho sonhado que a tampa deste piano ha de me servir de caixão!..

"E depois de breve pausa, proseguia a musica, dolente e terna, que recordava dias e horas venturosos. Succediam-se os sons da marcha, pungentes, a acompanhar, em dobres cadenciados, o cortejo na sua volta... E, muito lento e muito triste, afastava-se aos poucos, perdendo-se á distancia...

"Herminia sonhava! *

(*Cont. na pag. seguinte*)

PENSO EM TEUS OLHOS, QUE FAZEM PENSAR...

Penso nas rosas de todas as côres,
Penso nas vagas que rolam no mar...
Penso em procellas em grandes terrores
Penso em teus olhos, que fazem pensar...

Penso em chimeras, bellezas e flores,
Penso na lua de noite a brilhar...
Penso em estrellas, em grandes primores,
Penso em teus olhos, que fazem pensar...

Penso no sol scintillante em fulgores,
Penso em tudo o que pódes pensar...
Penso em teus olhos, que são meus amores,
Penso em teus olhos, que fazem pensar...

GUILHERMINA ROCHA

BEIJANDO A MULHÉR NAS BARBAS... DO MARIDO...

PRAÇA TIRADENTES, 18 horas. B., solteirão beijoqueiro, aproximou-se de seu amigo A., que conta o acervo de 70 janeiros. Com este se achava a filha C., solteirona de 48 annos, representando mais idade, muito feia, e a esposa D., de 17 annos, parecendo ter menos de 15, muito bonita.

Após corresponder ao affectuoso cumprimento de B. A., mostrando as duas senhoras, assim se expressou:

— B., apresento-lhe minha mulher e minha filha...

— Muito prazer em conhecel-a, disse o amigo, apertando a mão da mais velha.

Depois voltando-se para a outra, deu-lhe um sonóro beijo em cada face.

— Você está equivocado; beijou minha mulher! — protestou o velho.

— Sua mulher?! Pois, meu amigo, si não me tivesse indicado ambas como mulher e filha, iria jurar que havia beijado sua netinha...

(*Do livro "Leve que não é pesado...", a apparecer.*)

LEOPOLDO D. AMARAL

MARCHA FUNEBRE (*Conclusão*)

II

"— Herminia morreu qual linda romantica! Natal chegou. Entardecia. Lá fóra, andava a tristeza de um crepusculo doentio. Ella dedilhava a *sonata de Chopin*. Estava linda! A molestia, em vez de lhe transformar as fórmas, adelgaçava-lhe as linhas ondulantes do talhe, dando-lhe esse encanto que possuem os lyrios, em verdadeiro contraste com o charco em que nascem. Era todo esplendor e graça na sua habitual *toilette* branca. Parecia reviver do seu mal, tal a expressão de contentamento que lhe pairava pela face morenosa, ligeiramente rosada.

"Gerardo, ao pé do piano, com os labios a transbordar de alegria, — virava as paginas da musica. Era como si tivesse dentro do corpo um pássaro a cantar.

"Fóra, na quietação da tarde, subia do jardim florido, até a sala, e se misturava com o pianissimo da marcha, rescendente perfume de rosas e de jasmins.

"E eu, mergulhando cada vez mais a alma em profunda prostração — sentia toda velha amargura que dormia dentro em mim, dar logar a terna melancolia intraduzivel... Essa marcha ainda vive cá dentro do peito. Sinto-a, em rythmos funebres, passar em cortejo lento e triste pela minha alma.

Foi ahi, nesse velho pleyel que, com grande espanto, a vi muito pallida, tombar, leve como uma pluma, sobre o teclado já completamente tingido de vermelho...

"Ah!... sr. Fernando, — aquellas ultimas notas que se evolaram do piano, quaes suspiros de anjos que largam a vida em demanda das mansões eternas, — eram bem a alma angelical de Herminia, em ascensão para o céo — sahindo do caixão que tanto sonhára!..."

— Vá dizer a tua mamã que a quitandeira lhe deseja bôas-festas, e que... está esperando a resposta.

MOSAICOS

A LENDA DE ICARO

Não é somente de nossos o anseio do homem para voar. E voamos, hoje, em aeroplanos e dirigiveis. Mas, os antigos voavam ainda melhor, e mais longe, e mais rapidamente, com as azas da imaginação.

Uma das lendas babylonicas refere-nos a maravilhosa aventura de um pastor, chamado Etama, que foi o primeiro ser humano a fender o espaço.

Aconteceu, uma vez, que seus rebanhos foram atacados de esterilidade, a ponto de não nascerem mais cordeiros.

Mas, o pastor sabia que existia na remota região dos mais altos céos uma herva que era o mananncial da vida e, para obtel-a e com ella curar os seus rebanhos do aniquilamento que os aguardava, rogou a uma aguia que o transportasse em suas azas, ao mais alto céo. A primeira porta celeste foi franqueada com exito. Então, a aguia conduzindo o pastor sobre suas azas, continuou a viagem aerea para alturas ainda mais vertiginosas. Mas, sua resistencia se esgotava, as azas começaram a ceder e, quando Etama chegava ao seu destino, os deuses, irritados, precipitaram a aguia e seu passageiro nos abysmos profundos, onde ambos pagaram com a vida a sua audaciosa aventura.

RELATIVIDADE DA BELLEZA

Segundo Humboldt, os indigenas das Guyanas para expressar a belleza de uma mulher, dizem: "E' gorda e tem a testa curta".

Um viajante tambem observou que os Kirghizes avaliavam a belleza feminina pela quantidade do tecido adiposo porque um delles, ao vangloriar-se dos encantos de sua mulher, insistia, com muito empenho, em fazer resaltar a sua gordura.

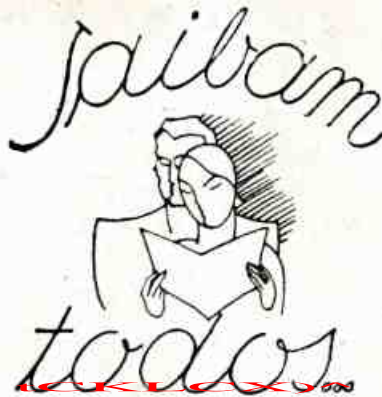
Ainda segundo Livingstone, as mulheres de Markollo tornam-se gordas e bonitas bebendo o que se chama "boyalou" e, entre os trarsas, tribu mourisca do Sahara occidental, as mulheres tomam enorme quantidade de leite e de manteiga para engordar e tornar-se, assim, mais attrahentes.

MURILLO LUSO (Capital) — Hum! Máu! Máu! Lá vem um poeta... Pela carta dactylographada deve ser um guarda-livros ou um dactylographo... Talvez escrevente de algum ministerio.

Leiamos a missiva:

"Presado senhor: Tenho lido algumas vezes a vossa secção "Saibam Todos" do "Fon-Fon" e apreciado muito a franqueza com que V. Exa. responde aos que lhe solicitam alguma coisa. Aprecio a sua linguagem clara e simples, evitando sempre os elogios pouco verdadeiros que só servem para animar aos que se iniciam nas lettras.

Não sou poeta nem homem de lettras. Sou um sacerdote de Hypocrates, ou melhor um seminarista, porquanto não terminei o curso medico. Como tenho verdadeira admiração pela litteratura e especialmente pela poesia, emprego as minhas horas de folga em tão agradavel arte.

No silencio do meu quarto de estudo, tenho escripto alguns versos, emquanto procuro distrahir o meu espirito dos pavilhões de anatomia e do nosso serviço hospitalar. Nunca publiquei os meus versos e desejo mantel-os em silencio até que possa ouvir de algum amigo, conhecedor abalisado de litteratura, uma critica honesta. E' por esse motivo que me dirijo a V. Exa., apresentando duas das minhas poesias. Sendo, por acaso, conveniente, peço a fineza de publical-as.

Aguardo a vossa resposta, não esperando elogios, mas uma critica rigorosa, como a de um mestre para o seu discipulo.

Póde responder, sem cerimonia, para o nome que assigno, porque o meu verdadeiro sobrenome não é aquelle.

Antecipado agradeço vosso obsequio — *Murillo Luso.*"

Ahi está. Não é poeta, nem homem de letras, nem medico. E' seminarista.

Machado de Assis dizia: "Tudo que se faz com amor, se faz bem".

Ora, não sendo poeta, nem homem de letras, como declara, é natural que o sr. só faça bem e com amor, uma coisa: rezar... Pois não é seminarista?

Não, sr. futuro sacerdote, deixe a poesia em paz. Si o sr. não é poeta, nem homem de letras, porque ha de querer invadir a seara alheia, para fazer com desamor aquillo que se deve fazer com carinho? Arte é arte. E eu, como um dos seus modestos e humildes cultores, não darei o meu apoio a quem deseja profanál-a. Sim. Tratál-a com pouco caso é profanál-a...

E quer uma prova dessa profanação?

Eil-a:

O AMOR

Quem já ouviu fallar nesta illusão,
N'esta doce palavra que é o amor
E' como quem anda a mendigar o pão,
E acha a vida sempre uma flor.

Leva a vida toda insatisfeito,
Carrega com prazer uma dôr.
E sempre batendo no peito
Supplica ainda mais amor.

Não consegue encher o tonnel
Da sua tão grande paixão
Com soffreguidão ingere o fel
Da amorosa intoxicação.

Continua assim innebriado
E de amor sempre sedento
Chega a ficar desesperado
Sem nunca ter amado a contento.

LUCY (S. Paulo) — Inicialmente: Viva S. Paulo!

Agora, a resposta que devo á sua illustre pessôa.

Vamos á sua missiva:

"Yves... Quem te escreve é uma pequena "girl", moderna, um pouco futil e que adora a vida...

Sim... a vida! Como ella é boa, não achas?

Não é verdade que és da mesma opinião?

E' tão bom viver!

Viver rindo... e lendo cousas bonitas que o Yves escreve!

Sim Yves, escreves tão bem! Mande-me — "for mercy's sake" alguns livros (os nomes) escritos pelo poeta... Yves...

Ficar-te-hei immensamente grata.

Tens ainda Yves, um pequeno favor a me fazer: o de ler e ver se serve um soneto que fiz. Seja implacavel...

Se elle não fôr "aproveitavel" mande-me uma resposta bem engraçada para eu rir bastante!

E se fôr, aonde poderei vê-lo publicado?

Oh! Yves, perdoas esta caceteação sim...

Sua amiguinha — *Lucy*."

MEU CORAÇÃO

Eu avisei você... "Tenha cuidado,
não va quebrar meu pobre coração,
elle é pequeno, é fragil é delicado,
parti-se-ha com uma desilusão."

Mas você é bem feio e bem mal-
[vado
pois nem ligou... e sempre brin-
[calhão
tratava-o qual boneco, que jogado
acabará quebrando-se no chão.

Oh! quantos trancos recebeu o
[coitado!
Foi se arranhando... até que elle
[trincou...
Depois... Elle depois foi remen-
[dado...

Mas... tanto tombo o coração levou
que um dia o pobrezinho foi en-
[contrado
partido... E nunca mais se con-
[certou!...

1.° — Pede-me uma resposta engraçada... Não é possivel Engraçada é v. ex. com o seu soneto de pé quebrado. Dahi se conclúe que só lhe posso dar uma resposta que faça chorar a toda gente... E' que essa resposta encerra uma noticia infausta: — o Brasil perdeu uma poetisa notavel.

Mas, fóra de brincadeira, v. ex., com o seu soneto mal alinhado, dá a impressão de uma pequena escolar que, decorasse um poema, para fazer bonito na festa de encerramento das aulas e, no "momento solenne", embrulhasse os versos. Sim, porque o seu soneto está embrulhado, e não diz coisa com coisa...

Assim, eu fico a lamentar que a literatura indigena, tenha perdido um soneto e a respectiva autora...

E' possivel que, no seculo vindouro — e exercitando-se todos os dias — v. ex. venha a fazer um sonetinho menos aleijado... No seculo presente — não. Não o creio. Como vê, a resposta que lhe dou, é para fazer chorar...

2.° — Os titulos dos meus livros são: "O Suave enlevo", poema, 3.ª edição, preço — 4$000 e "Uma garçonne carioca", romance, 1.ª edição, preço 6$000, em todas as livrarias do Rio e S. Paulo. Aqui, é mais facil encontral-os na Livraria Alves, 166, rua do Ouvidor.

Yves

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97

Telephone 2-4136

FON - FON — 31 - 12 - 932

Data da consulta ....

Nome da consulente ....

....

NOTAS DE ARTE

COMPANHIA LYRICA SANTOS GUERRA-GIOVANNI SANZONE. — *Aida*, *Tosca* e *Otello* foram as tres operas a que assistimos na 3ª e ultima semana em que funccionou no Alhambra a Companhia Lyrica sob a direcção artística de m. Santos Guerra e do antigo empresário Giovanni Sanzone: de 20 a 25 de dezembro.

Tosca, levada á scena em a noite de 24 de dezembro, agradou em conjuncto, dada a relatividade com que deve ser julgada uma Companhia Lyrica a preços populares. Com esse critério pode dizer-se mesmo que foi bom o desempenho da op. de Puccini.

Sofia Rafalovich, a estreante cantora russa, encarnou a contento a personagem de Floria Tosca. Embora não fosse das melhores interpretações, logrou applausos a celebre preghiera — *Vissi d'arte e d'amore*.

Reis e Silva, esse foi, como sempre, um dos melhores Mario Cavaradossi. Cantou *Recôndita armonia* e *Lucean le stelle* como cantariam tenores de fama em theatros de escol. Ovacionou-o estrepitosamente o publico e pediu-lhe *bis*, que infelizmente não foi atendido.

Giovanni Faini manteve-se no plano da protagonista, senão em plano superior. Agradou também. Applaudido em *Tosca divina* e no cantabile — *Mi dicon venal*.

Salvatore Perrota e Stefano Bruno apreciaveis nos respectivos papeis de Angelotti e Sacristão.

Os côros, sempre tão malsinados, mesmo em Companhias de 1ª ordem, mereceram justos applausos quando entoaram o pomposo *Te Deum*, que encerra o 1º acto.

Aida, cantada em 1º de dezembro, foi o successo máximo da Companhia. Carmen Gomes encarnou com invulgar fulgor a figura da heroina, da admiravel e admirada romança — *Ritorna vincitore!* ao duo final — *O' Terra addio!* pairou no mesmo plano em que pairam cantoras de mérito não commum. E no 3º acto, no bellissimo duetto — *Fuggiam gli ardori inospiti*..., e em a não menos bella romança — *O patria mia*... attingiu a cimos que só são attingidos por notabilidades da scena lyrica.

Reis e Silva foi digno parceiro de Carmen Gomes. Sem falar nas bellezas reveladas nos duettos, assignalemos o primor lyrico-dramatico ostentado na magnifica interpretação da celebre aria — *Celeste Aida*.

Asdrubal Lima interpretou bem todo o papel de Amonasro. Sobresahiu especialmente no duetto com Aida — *Cielo! Mio padre!* e em *Questa assisa ch'io vesto*. Mais uma vez mostrou-se bello cantor e bello artista.

Lina Barbieri, apreciavel Amneris. Mereceu mesmo os applausos recebidos no 4º acto, cantando — *Già i sacerdoti adunansi* e *Ohimè morir mi sento*.

João Athos e Salvatore Perrota cooperaram bastante para o bom êxito da representação. *Su! Del Nilo al sacro lido* — foi uma das melhores provas dessa cooperação.

Os côros e os bailados contribuiram também para a belleza do espectaculo, apesar da sua deficiencia: foram um dó em relação á numerosidade exigida pela grande opera de Verdi.

Otello, o celebre drama lyrico em que Verdi, aos 74 annos, physicamente velho mas espiritualmente joven, assombrou o mundo pela direcção nova que imprimiu ao seu genio musical, fazendo-se Wagner sem deixar de ser Verdi — encerrou brilhantemente a série de espectaculos da Comp. Lyr. do Alhambra.

Com todas as restricções que se possa fazer quanto á interpretação do conjuncto, devido ás proprias difficuldades de cantar-se *Otello* numa companhia popular, é de toda justiça realçar os interpretes dos principaes personagens.

Asdrubal Lima compoz com maestria a figura cynica e perversa do monstruoso Yago. Bem na romança — *Era la notte* e melhor no celebre — *Credo in un Dio crudel*, que foi estrepitosamente applaudido e teria sido bisado por vontade do publico.

Reis e Silva encarnou Otello com belleza dramatica e lyrica. Bem na *Ora e per sempre addio*; melhor no celebre monologo — *Dio mi potevi scagliare*. E' de assignalar-se ainda a perfeita interpretação da scena final: *E tu... come sei pallida!*

Carmen Gomes irreprehensivel Desdemona. Do primeiro ao ultimo acto manteve-se á altura do seu invulgar e culto talento de cantora e da sua notável intuição dramatica. Além de brilhar com Reis e Silva no grande duetto de amor — *Mio superbo guerrier!* viveu com raro fulgor, cantou como grande artista, a *Canção do Salgueiro* e *Ave Maria!* Na preghiera celebre, cantando ao som dos violinos, Carmen Gomes excedeu-se a si mesma, dando aos ouvintes uma profunda emoção de religioso extase. Vivamente emocionado o publico não só applaudiu fragorosamente como pediu *bis*, que a hora adiantada da noite não permittiu fosse concedido.

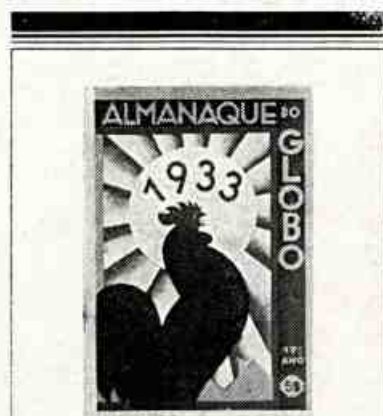
Bisados seriam também o *Credo* de Yago e o *Monologo* de Otello, se tivessem attendido aos pedidos do publico.

A orchestra sob a direcção intelligente do mº. Santos Guerra continuou a manter a perfeição de sempre.

AUDIÇÃO DE ALUMNAS DA PROF. LÚCIA BRANCO. — No I. N. M., em a noite de 7 de dezembro, proporcionou-nos a reputada professora de piano, sra. Lucia Branca Soares, uma audição das suas alumnas, que naquelle I. terminaram o curso no corrente anno.

Foi a bella audição prova não só do talento e do saber das discipulas como também dos proficientes ensinos da mestra. A conecção, a nitidez, a restricta comprehensão dos autores foram qualidades mais ou menos communs a todas. A só differença entre ellas resultou essencialmente do temperamento de cada uma, de grande emoção com que sentiram e transmittiram as composições tocadas.

Ouvindo-as todas com a mesma sympathia — que é a melhor disposição para ser justo — classificamos as seis alumnas pelo gráo de emoção que nos produziram, em dois grupos: o mais numeroso, constituido por aquellas, que se distinguiram na execução mais de uma que de outras peças; taes a srta. Jacyra Bandeira, com a *Elegia*, de Rachmaninoff; a srta. Sylvia Tavares, com *Visão*, de Liszt; a sra. Altamira Ribeiro, com o *Allegro de concerto*, de Granados e o *Malabarista*, de Tosti a famosa romança *Ora e per sempre*; a srta. Joy Guimarães, com *Jardins sous la pluie*, de Debussy; e o menos numeroso, formado das alumnas, que, além de em todas as execuções sobresahirem, revelaram tem-

peramento invulgar para a arte pianistica; a srta. Nadyr Porto, que tocou Sonata em lá maior, de Scarlatti, 1º Scherzo, de Chopin, Estudo transcendental, de Liszt; e a srta. Aurea Rodrigues, que executou Estudo op. 10, n. 12, de Chopin; *Tu és o repouso*, de Schubert-Liszt, *Valsa de Mephisto*, de Liszt, e, em extra, *Carnaval*, de Grieg. Estas duas jovens cultoras do piano não só tocaram sentindo, como ainda souberam transmittir em grão bastante apreciavel o proprio sentimento. A srta. Nadyr Porto mostrou mais esse predicado no Scherzo, de Chopin, e a Srta. Anna Rodrigues no *Carnaval* de Grieg. Mas ambas em todos os numeros souberam agradar e commover. A srta. Aurea Rodrigues pareceu-nos mesmo uma pianista a que só falta o habito dos concertos para figurar em pouco tempo no rol das nossas, entre as mais jovens melhores pianistas.

Naturalmente a nossa classificação nada tem de definitivo, já porque se baseia apenas nas emoções produzidas, e não na analyse technica das execuções — para o que nos falta autoridade — já porque as concurrentes não me parece estejam em verdadeira igualdade de condições para serem simultaneamente julgadas.

Como quer que seja, foram todas merecedoras dos applausos que lhes conferiu o brilhante auditorio do I. N. M.

MARIA SYLVIA PINTO. — Em a noite de 23 de dezembro, no I. N. M. realizou o seu 1º recital, a pianista srta. Maria Sylvia Pinto, medalha de ouro por unanimidade daquelle I., em 1932, executando o seguinte programma, além de um extra: I.) Mendelssohn — *Prelúdio e Fuga*, op. 35; César Franck — *Prelúdio, Coral e Fuga*; II) Chopin — *Nocturno* op. 48, n. 1, *Prelúdio* op. 28, n. 16, 3 *Estudos*: op. 10, n. 6, op. 25, n. 2, op. 25, n. 10; *Scherzo*, op. 20; III) H. Oswaldo — *Estudo* op. 43, n. 1; J. Octaviano — *A's margens do Parahyba* (n. 1 das *Scenas Brasileiras*); Philippi — *Feux Follets*; Mozkowsky — *Les vagues*.

A srta. Maria Sylvia Pinto foi uma das concurrentes a premio do I. N. M., que nos pareceu devia occupar o 1º logar entre as 8 que ouvimos tocar em dias de julho deste anno. Esperavamos pois correspondesse o seu recital ao exito então obtido. Mas, ouvindo-a agora, não nos pareceu ter sido plenamente satisfeita a nossa espectativa. Ou defeito da nossa sensibilidade, ou defeito da pianista, devido a algum motivo occasional, o certo é que á maioria dos numeros faltou não só a interpretação espiritual, a força emotiva, como tambem em alguns notámos carencia de nitidez, algo de confuso. Entretanto, é de justiça assignalar alguns numeros em que desappareceu a confusão e onde sentimos mesmo algo do canto interpretativo e foram: os *Estudos* de Chopin, especialmente a op. 25, n. 2 e a peça de J. Octaviano — *A's margens do Parahyba*.

Mas se foi essa a nossa impressão, a mesma não teve o publico, que não cessou de applaudir a recitalista e que pediu e obteve *bis* para a composição de J. Octaviano.

ÓSCAR D'ALVA

O Tijuca Tennis Club realiza hoje o seu grande baile de fim de anno, que, a julgar pelos preparativos, promette ser um acontecimento mundano dos de maior repercussão desta noite festiva. O presente «cliché» reproduz um dos aspectos scenographicos com que está decorado o salão nobre do palacio colonial da rua Conde de Bomfim, que se encherá, certamente, das figuras mais representativas da sociedade tijucana. E' apenas uma visão da grande sala de baile, cujos cantos ostentam quatro enormes bonecos de neve, lindo trabalho de esculptura, que dão a nitida impressão de figuras nevadas.

A ESPERA

De WESCESLAU FERNANDEZ-FLOREZ

ELLE e ELLA ouviram dizer que o Anno Novo ia chegar. Quando nos relogios da cidade soasse a meia noite, o Anno Novo appareceria.

E, antes que a hora soasse, ambos sahiram de sua cabana de pastores.

— Veremos chegar o Anno Novo — prometteram-se.

Como seria?... Pensavam elles alguma coisa phantastica daquelle personagem que havia de chegar á hora do mysterio, á mesma hora dos fantasmas de que falavam os contos da montanha, para começar a reger o mundo. Talvez trouxesse uma comitiva brilhante, talvez viesse só, com passos cautelosos, como um animal damninho. Fosse como fosse, elles iriam ao seu encontro, ajoelhar-se-iam e lhe pediriam graças. Havia de ser, certamente, grande personagem. Em seu surrão traria, certamente, o segredo de muitos destinos humanos, e traria, tambem, o mal e o bem, a felicidade e a desgraça, a abundancia e a miseria, para distribuil-a á sua passagem. Elle havia de mudar o curso das vidas. Seria como um feiticeiro todo poderoso, senhor de vidas, capaz de trazer a chuva e a sêcca, o frio e o calor, a foce, a morte; capaz de transformar o rico em pobre e o pobre em millionario. Os grandes senhores o esperavam todos os annos a pé, em seus salões, e o saudavam com algazarra e bebiam em sua honra vinhos de ouro em taças que eram transparentes e subtis como si fossem fabricadas com o ar fino da montanha feito crystal.

— Havemos de ver cehgar o Novo Anno.

E subiram ao morro altissimo que dominava o caminho. Toda a terra era branca, branca... Todo o céo era negro. Uma estrellinha tremia de frio. Da neve sahia uma suave claridade, e no gelo de um cume o reflexo da estrella era como um a r r o i o de luz azul. Toda a terra era branca. As janellas da casa grande da fazenda brilhavam na distancia, e brilhavam tambem, no horizonte, as luzes da cidade. O céo tinha, ali, um tom avermelhado, como si um incendio l h e enviasse seu r e s p l a n d o r, e a cúpola de uma igreja, alta e branca como uma agulha de neve, se adivinha naquelle vago ambiente de sonho.

Os dois jovens se expressaram com as mãos unidas. Ella tinha os olhos da côr da ingenuidade, que é azul. Elle era forte e era simples.

E esperaram uma hora, e outra, entre o immenso silencio da neve. Uma vez passou uma rajada apressada, e os dois estremeceram pensando:

— Elle vae chegar!

Mas a quietude voltou. Esperaram, esperaram... Havia algo de solenne na noite?... Interrogaram-se abraçados como em certa inquietação de mysterio, e o coração de

PRESENTE DE NATAL

FOI para mim um deslumbramento.

Lendo as paginas que o artista burilou até deixál-as fulgurando de belleza e de colorido, houve em mim uma grande alegria interior. Paginas de arte brotadas da penna de um illuminado pela centelha divina. Ha phrases que têm qualquer coisa de uma caricia materna, algo de um beijo de mãe sobre o rosto desbotado de um filho *in-extremis*.

* * *

O *espirito philosophico* é um *dom dos Deuses. Tem-no quem póde e não quem quer.* Esta phrase incisiva é um verdadeiro poema. Nella existe a synthese da philosophia de uma vida.

* * *

Luz e Pó é um mundo de riquezas interiores. Elle foi escripto para ser lido á sombra das arvores floridas de um jardim carioca, na hora suave e linda da despedida do sol, nesta hora em que o rei do azul, como um guerreiro louro, descança a cabeça luminosa sobre as almofadas verdes das montanhas longinquas.

* * *

Livro bom. Cofre precioso onde um nababo guardou, com zelo e amôr, as suas perolas e os seus brilhantes.

Neste poetico mez de dezembro, *Luz e Pó*, de Gustavo Barroso, foi o meu melhor presente de Natal.

Presente lindo para a minha alma de poeta que vive eternamente no pó, numa ansia dolorosa para a luz.

PAULO FREITAS

cada um respondeu ao outro com suas pulsações apressadas, que eram como uma affirmação. Sim, havia algo de solenne na noite. E, no emtanto, era o mesmo o silencio da neve, e a mesma a escuridão do céo, e as mesmas as rajadas e as luzes distantes... Talvez a solennidade estivesse em sua propria espectativa gigantesca.

E soaram as doze badaladas. Segundo o vento, assim eram umas mais fracas e mais fortes as outras. Pelo menos assim as ouviam os pastores uma noite e outra, um dia e outro. Eram os sinos da cathedral, lentos e graves, que tinham o mesmo som para os acontecimentos felizes e adversos. Também não se notou, então, em seu som, algo de extraordinario. O relogio que media o tempo cantou aquella hora as mesmas somnolentas vibrações de qualquer hora vulgar da vida igual e cansada. E os montes receberam as doze pancadas, e, de um extremo a outro, de barrancos a barrancos, de cume a cume, as foram atirando em um éco múltiplo. Eram como sentinellas que repetissem um "alerta!". Elles também, como si despertassem de seu silencio de tédio, para dizer:

— Doze horas!

— Doze!

— Doze!...

E assim até que o éco se perdeu longe, longe... Depois, os barrancos e os montes se calaram. Mas, ao soar a nova hora, tornariam a jogar o mesmo jogo.

Entretanto, os jovens pastores olhavam a distancia, no caminho. E não viram nada. Por um manto de arminho se havia erguido bruscamente no caminho. Mas era a neve que cahia. Tudo continuou na calma enorme, no profundo silencio, na vaga claridade branca. Continuava tremeluzindo no alto a estrellinha azul e os picos nevados tinham a immobilidade de dedos que apontassem o céo.

Então, os jovens começaram a andar por entre as veredas do monte. Teria chegado por outros caminhos o Anno Novo?... Iam recordando ao Poderoso, fincados na neve:

— Senhor, protegei-nos! Dae-nos felicidade, dae-nos riqueza, conservae nossa juventude e nosso amor! Fazei com que recordamos vosso nome como o de um bemfeitor generoso! Senhor: vós sois o dono de nossos destinos!...

Teria chegado por outro caminho o Anno Novo?... E foram até o bosque de abetos onde se escondiam os ladrões; e mais além, até as covas onde viviam os lobos; e mais além até os cumes onde as bruxas faziam seus esconderijos. E não viram rastros na neve.

E no mais alto cume encontraram o Tempo e a Vida. Tinham ambos um profundo gesto de tédio. Um gesto em que havia a inconsciencia da fonte que faz brotar a agua incessante vinda de não se sabe onde e que corre para o ignorado, sempre igual.

Daquelle cume elevado, o Tempo e a Vida regiam o mundo, indifferentemente, machinalmente, sem paixão.

E delles se aproximaram os jovens pastores, e perguntaram:

— Vistes passar o Novo Anno?

E a Vida respondeu:

— Um anno novo?... Não conheço nenhum.

E olhou o Tempo, numa interrogação. E o Tempo continuou immovel, como está sempre, com está desde que, na escuridão dos espaços, bateram as azas dos primeiros anjos...

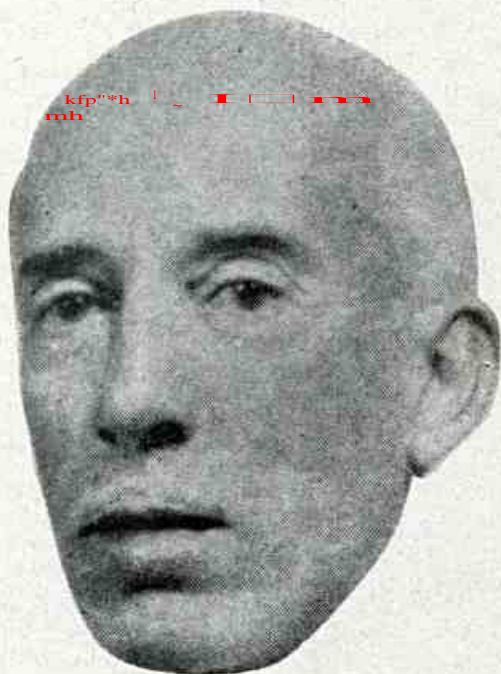
-QUE BELLA IDÉA, QUE TIVESTE.
AS COISAS UTEIS SÃO,
REALMENTE, OS MELHORES
PRESENTES DE FIM DE ANNO.
DEPARTAMENTO COMMERCIAL
Light
SERVIÇO ELECTRICO

ANNO XXVI

FON-FON

NUMERO 53

Director: SERGIO SILVA

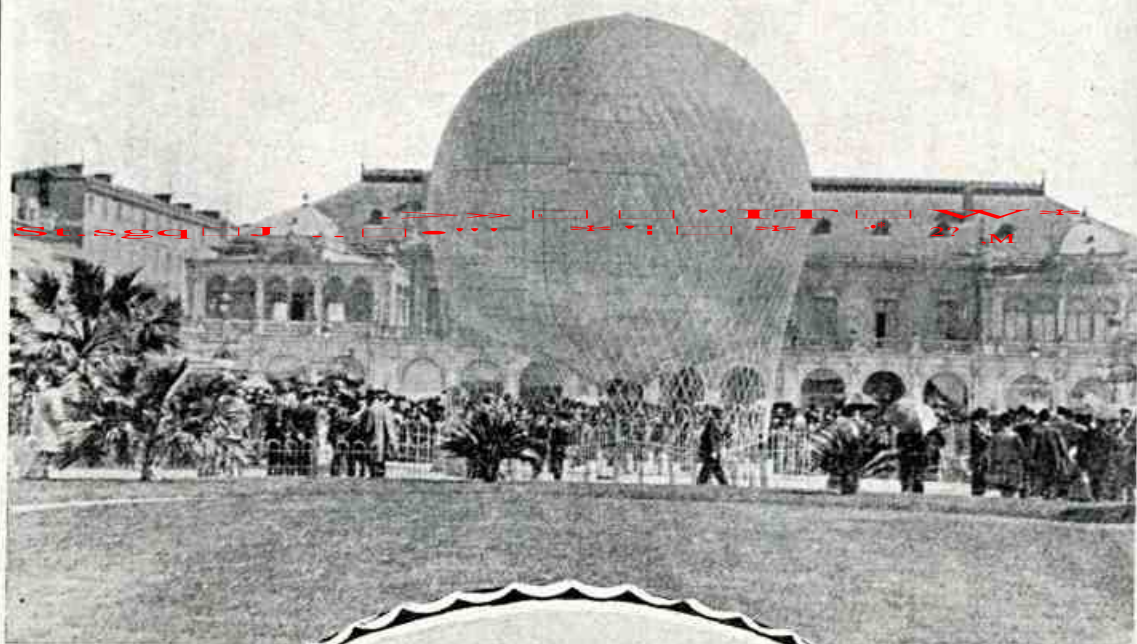
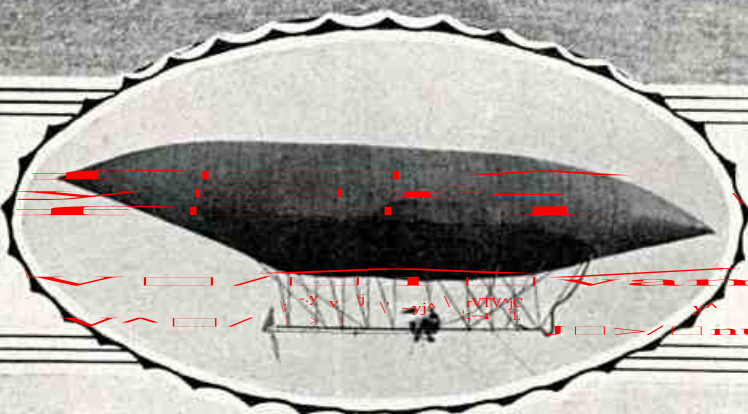
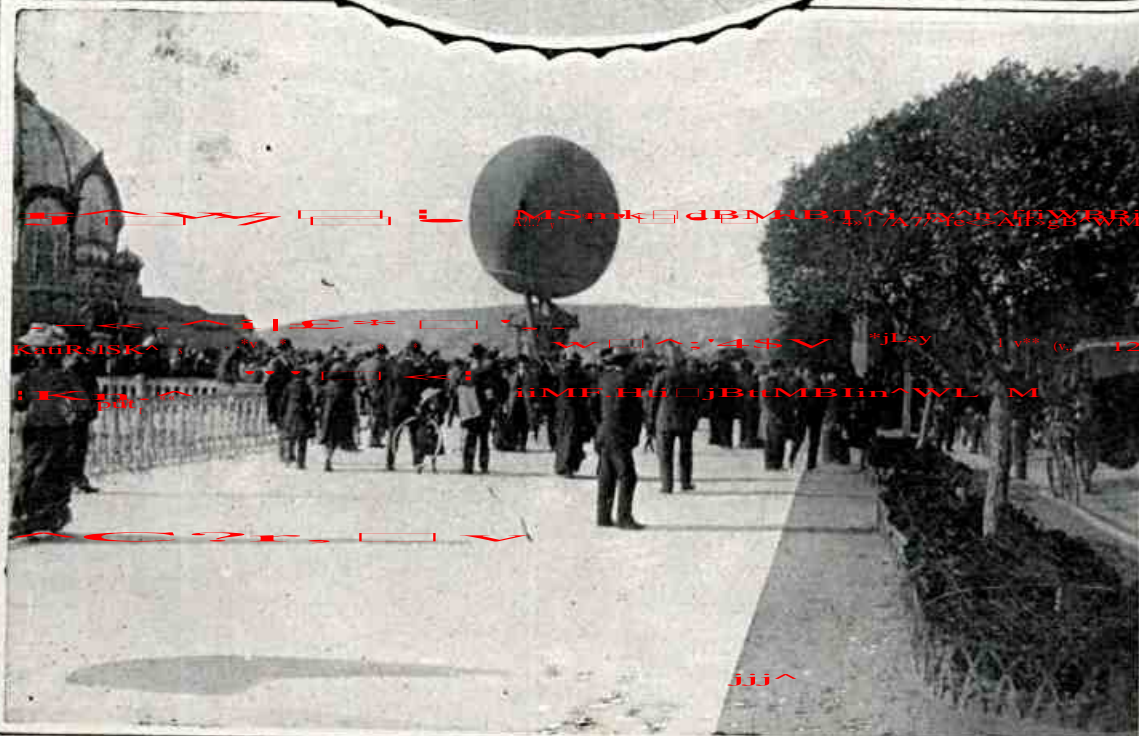
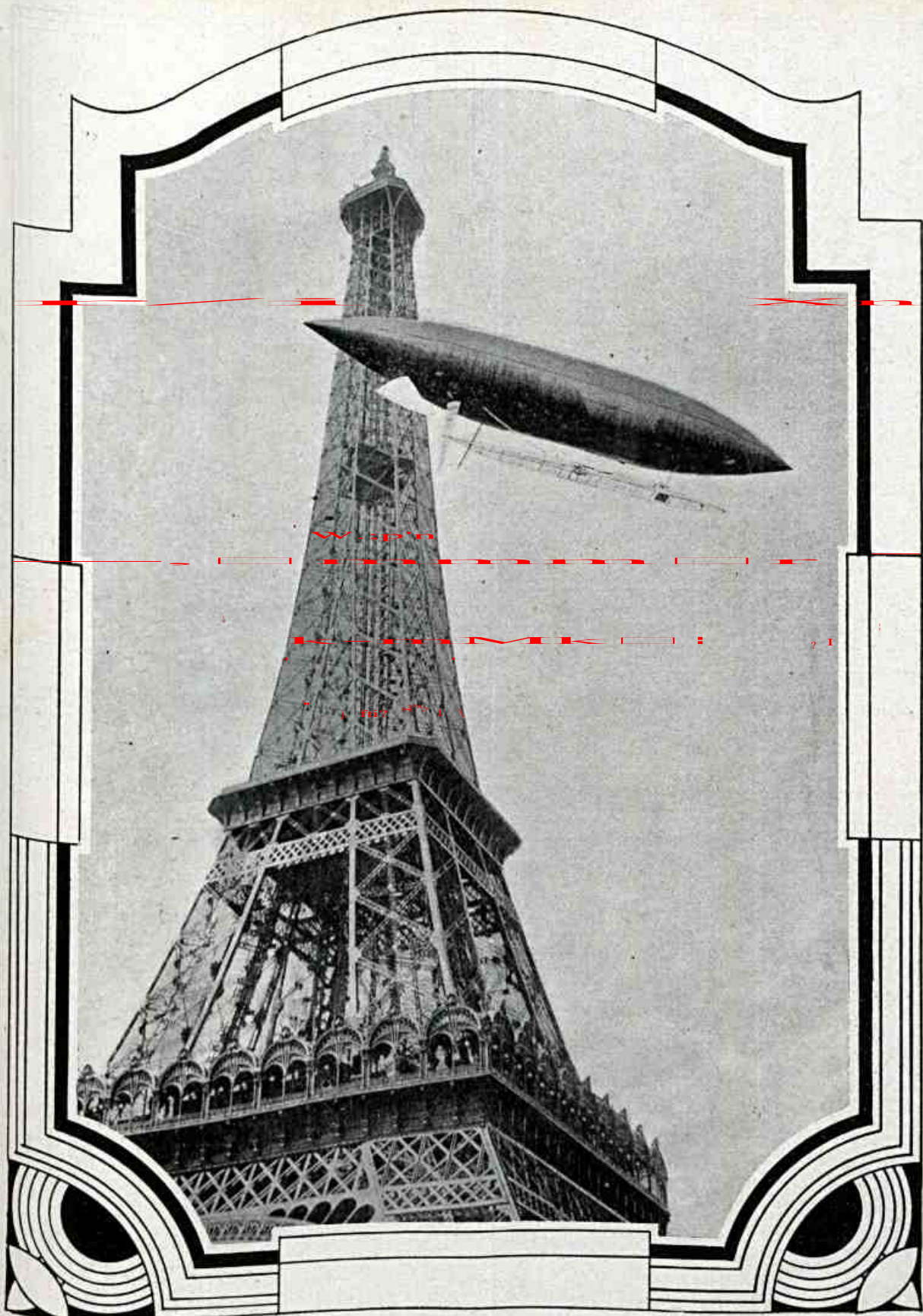
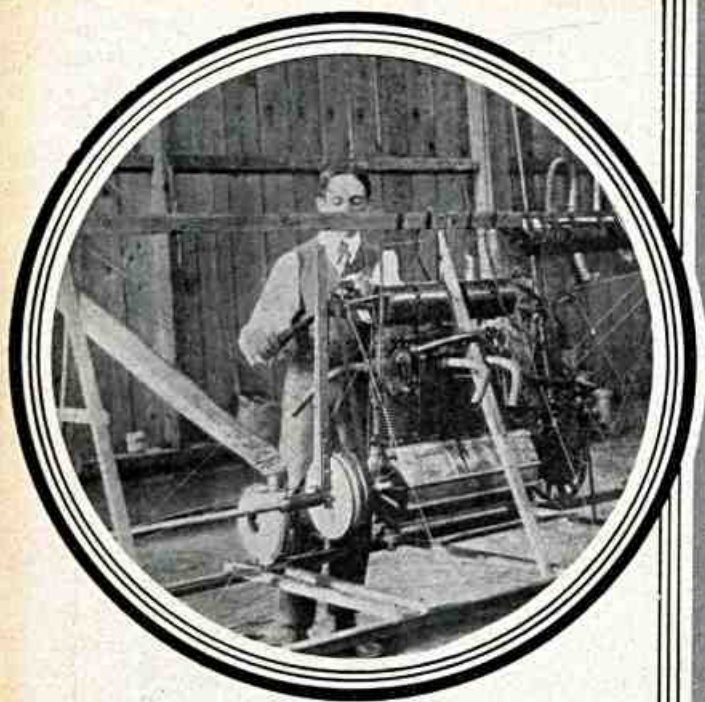
Rio de Janeiro, 31 de Dezembro de 1932

Santos Dumont

Conheci Santos Dumont em 1920, nas officinas de sua casa de Petropolis, pensando cada vez mais em recolher-se a uma definitiva solidão. Tinha a sensibilidade duma flor que precisasse de estufa para viver. E, ao silencio que se havia de repente feito em volta delle, o Grande Brasileiro dava em resposta um sorriso de piedade, alcandorado na admiravel torre de marfim de sua gloria silenciosa e solitaria, demasiado alta para ter companhia.

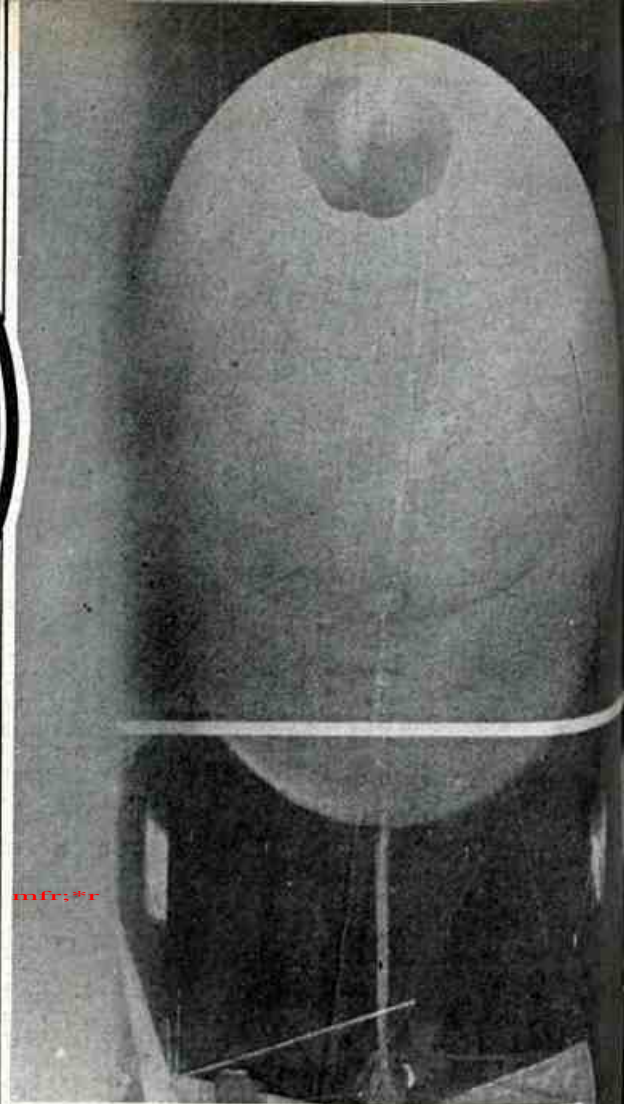
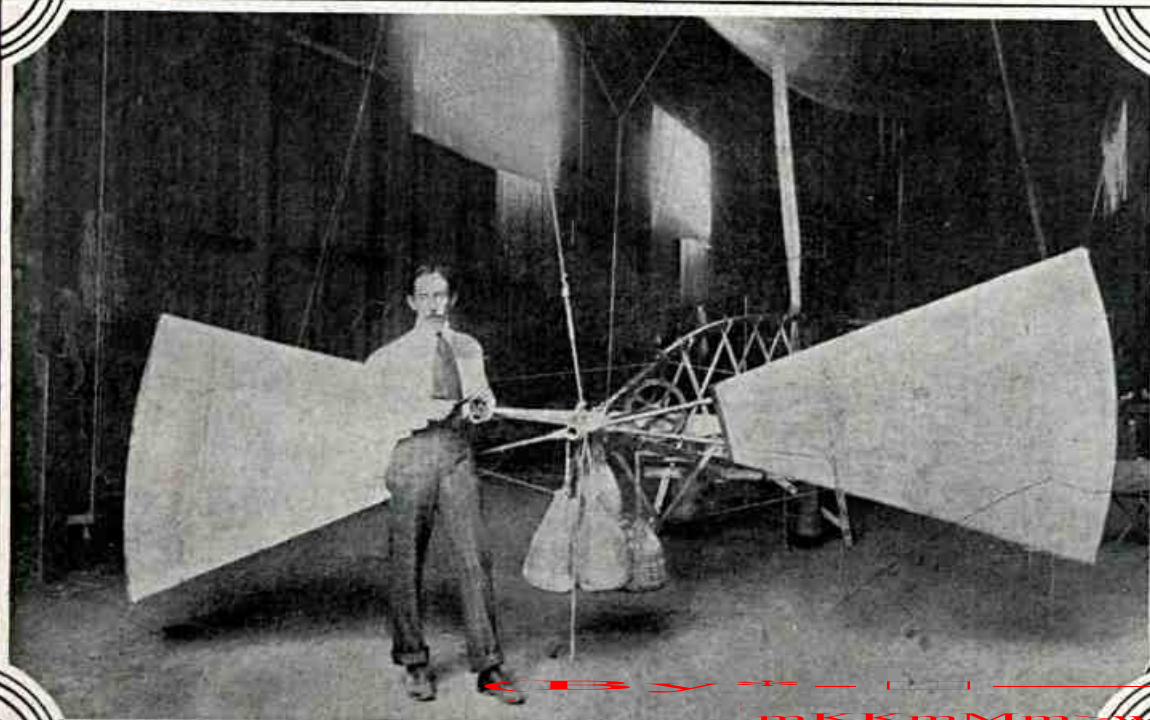
Um remorso estranho o minava. Remorso sómente explicavel na illimitada pureza duma alma como a sua. Elle sentia-se um grande culpado por ter feito uma invenção que a maldade dos homens transformára em terrivel arma de guerra. E um de seus ultimos pensamentos foi instituir um premio a quem condemnasse o emprego militar do avião.

Nos derradeiros annos de sua curta e grande vida, a alma da patria sacudiu o torpor da peçonha que lhe infiltrava a inveja e bradou aos quatro ventos o reconhecimento da gloria de seu filho. O seu nome brilhou nas placas urbanas e abriram-se de par em par, afim de recebê-lo, as portas das academias. E toda a nação vibrou novamente á fanfarra das aclamações.

A Academia Brasileira não lhe deu a immortalidade. Elle já era immortal por todos os titulos quando os immortaes se orgulharam de chamal-o para companheiro. Confirmáram sómente no plano humano o que elle trazia do plano divino. E, no limiar da grande porta da Outra Vida, onde somos obrigados a deter-nos, mais do que a sua intelligencia e mais do que a sua gloria, saudemos a sua virtude!

Gustavo Barroso

No alto: modelo dos dois primeiros balões que Santos Dumont mandou construir: o «Brasil» e o «America», cujas experiencias se realizaram em Paris, no começo do anno de 1898. — No medalhão: o balão «Santos Dumont n.º 4», construido em 1900. — Em baixo: photographia tirada em Nice, em 1899, quando ali se realizavam as experiencias do «Santos Dumont numero 2».

O balão de Santos Dumont dando a volta da torre Eiffel, em Paris, no dia 8 de agosto de 1901. Nessa occasião, quasi perdeu a vida o nosso glorioso inventor, que, devido ao desastre então occorrido com o «Santos Dumont n.º 5», escapou milagrosamente suspenso á rêde que sustinha a barquinha, num quarto andar do boulevard Delessert, sendo salvo pelos bombeiros parisienses.

No medalhão: Santos Dumont trabalhando no motor do balão numero 5, em seu atelier de St. Cloud.

Ao lado: o balão «Santos Dumont n.º 6», que consolidou definitivamente a gloria do grande inventor brasileiro.

Em baixo: a helice do «Santos Dumont n.º 6» e seu illustre inventor.

Breve elogio da mentira

COMO o orgulho quando util, nobre — fonte do progresso, base de todas as realizações humanas — a mentira tem, na vida do homem, como conforto, papel de relevante importancia, papel preponderante.

Dizem que a verdade, por mais asnerada que seja, deve ser sempre relatada... Deve-se viver da verdade... Irrealizavel pretensão e mentirosa affirmativa de quem a propala, extendendo-a a tudo!... Ninguem ambicionará com sinceridade uma revelação, só por verdadeira ser, que lhe destrua uma illusão solida, uma illusão que lhe era o sustento unico da vida... Que é mesmo, em geral, quasi, a vida social, senão um conjunto de mentiras? Quantas e quantas vidas existem que se alimentam apenas de illusão! Uma vez a ellas tirada a causa de seu contetamento, de sua alegria de viver. Que de consequencias funestas por effeito da verdade dita imprudentemente, se patenteou ou foi patenteada!

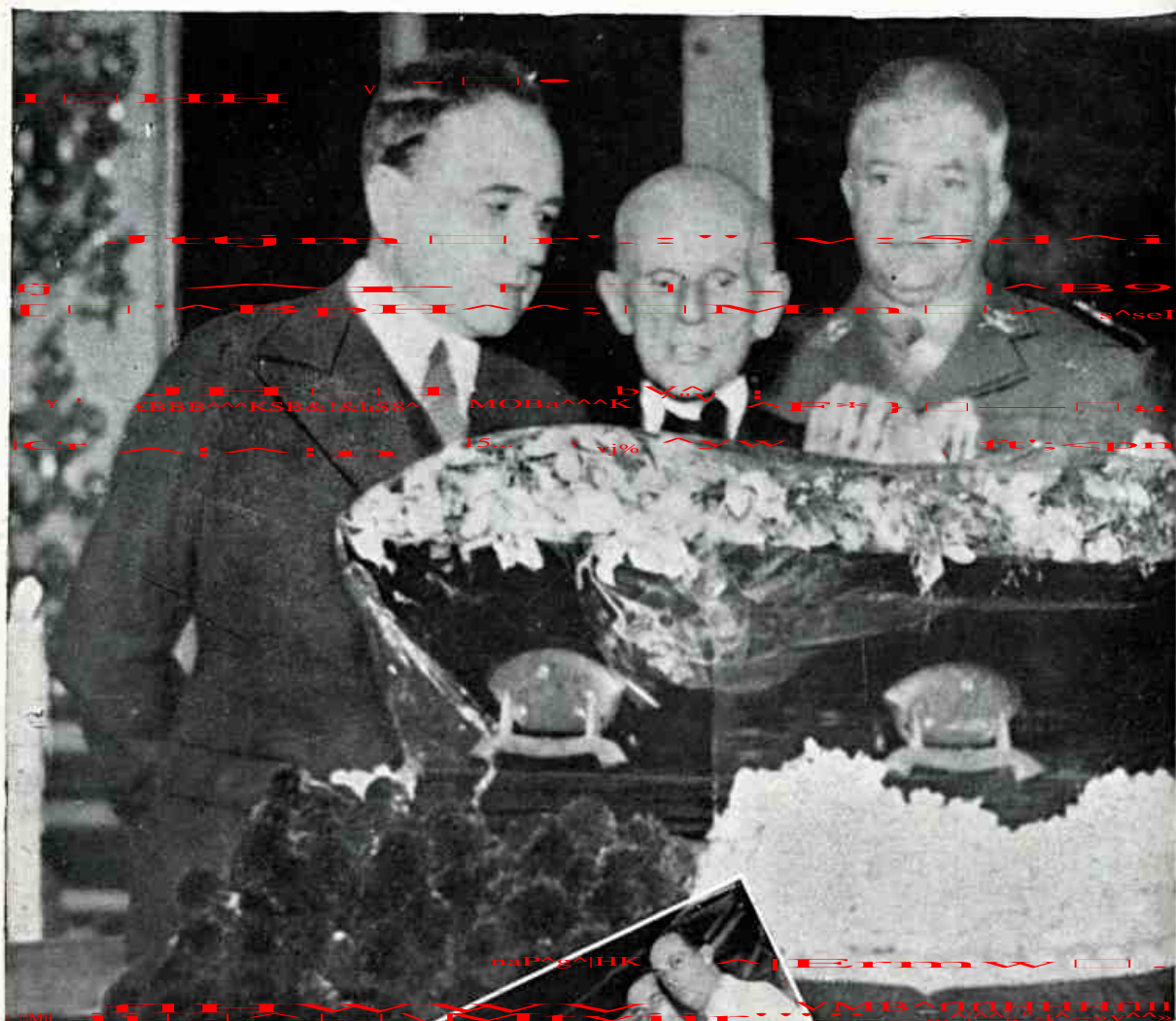
A mentira, como alimento espiritual, é como a abobada celeste, o azul confortador do infinito que os nossos olhos vêem...

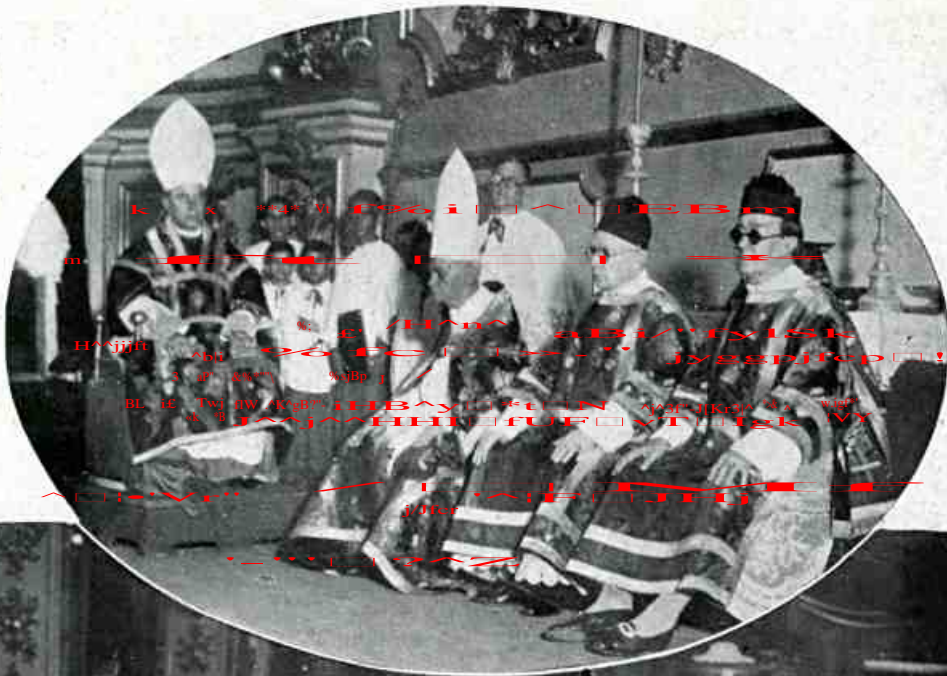
Só os espiritos verdadeira e fervorosamente religiosos (e estes tão raros são...) supportam estoicamente, impassiveis, sem um vislumbre de revolta, sem a contracção de um musculo siquer, o desmoronar de um sonho... E' que outra esperança os alimenta...

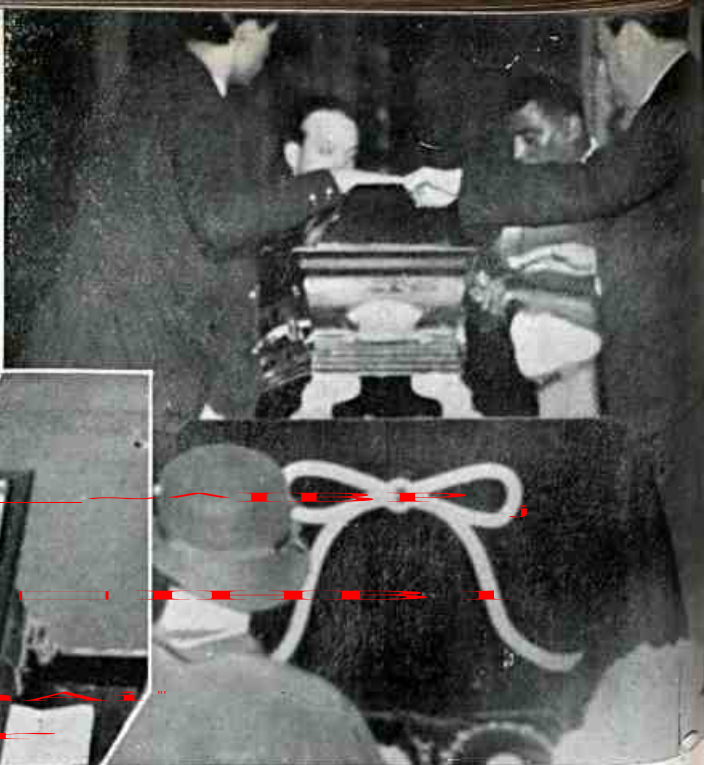
Crêem, esperam a gloria em outra vida, conquistada á custa dos soffrimentos a que se submettem resignadamente... E a felicidade, a paz na outra vida, se é mentira ou illusão, é a unica que não póde ser destruida ou desmentida...

Homem! Não cogites nunca de sondar a tua illusão! Vive-a. Transfórma a tua existencia em um jardim cultivado perseverantemente com carinho pelas tuas proprias mãos! Sem as illusões que florirem em tua existencia, tornar-se-á tua vida um jardim sem flôr... Ampara-te fervorosamente na illusão, e não procures nunca, da illusão desprezando a ajuda, encontrar a felicidade. A felicidade... crêa-se!

Pedro Paulo Faria Rocha.

Em cima: o corpo de Santos Dumont quando era conduzido, logo após o seu fallecimento, para a Cathedral de São Paulo, onde ficou guardado até ser trasladado para esta capital. Em baixo: o mausoléo do grande brasileiro, no cemiterio de São João Baptista.

Na vespera dos funeraes de Santos Dumont, o chefe do governo provisorio visitou, na Cathedral Metropolitana, o corpo do eminente inventor brasileiro, alli exposto á visitação publica. Tambem esteve em visita á urna funeraria que guardava os despojos do precursor da navegação aerea a exma. sra. Getulio Vargas, que se vê no medalhão, quando orava junto á camara ardente de Santos Dumont.

Na manhã de quarta-feira penultima, realizaram-se, na Cathedral Metropolitana, solennes exéquias em suffragio da alma de Santos Dumont, mandadas celebrar pela commissão promotora das homenagens á memoria do nosso glorioso patricio. Foi celebrante o bispo d. Mamede, que se vê na photographia do alto, acompanhado dos sacerdotes que serviram de acolytos de s. ex.

revma., na cerimonia religiosa. Ao centro e em baixo, dois aspectos daquelle templo carioca, durante as exéquias, vendo-se, alli, entre outras altas autoridades, o representante do chefe do governo provisorio, o ministro Salgado Filho, o interventor Pedro Ernesto, diplomatas estrangeiros, o presidente do Centro Carioca, professor Benevenuto Berna, etc.

Tres photographias tomadas no momento em que se procedia ao fechamento do caixão mortuario que encerrava o corpo do «Pae da Aviação», na Cathedral Metropolitana, poucas horas antes do sahimento fúnebre para o cemiterio de São João Baptista.

SANTOS DUMONT

Ha trinta annos, na França, um brasileiro
Indo de encontro ás leis da natureza,
Quiz ver de perto os astros e a grandesa
Dos mysterios que ha pelo luzeiro!

E pensou ascender o seu primeiro
Vôo de aguia gigante, na certeza
Que jogaria pela redondeza
As flores do seu gesto condoreiro!

Mensageiro da paz, do amor, da calma...
"Demoiselle"! "Demoiselle"! Todo contricto
O mundo se curvou beijando a terra!

Morreu Santos Dumont levando n'alma
A tristeza de ver pelo infinito
Aviões em chammas vomitando a guerra!

Murillo Fontes

Tiveram grande imponencia os funeraes de Santos Dumont, realizados na tarde de quarta-feira penultima, 21 do corrente. As derradeiras homenagens da terra carioca ao eminente brasileiro foram, realmente, magestosas, pela alta expressão civica de que se revestiram. Todas as classes sociaes se fizeram representar no enterro do genial inventor, o que attestou, de maneira eloquente, a admiração unanime do povo brasileiro pela figura insigne daquelle que projectou, gloriosamente, através dos continentes, o seu nome ligado ao nome do Brasil.

* * *

Esta pagina focaliza os primeiros aspectos do sahimento fúnebre, quando o esquife, retirado da eça armada na nave central da Cathedral, era conduzido á carreta, primeiro pelas autoridades presentes, depois pelas senhoritas do Departamento Feminino do Centro Carioca e da Congregação de N. S. da Penna.

Outros detalhes do sahimento funebre da Cathedral Metropolitana. O corpo é collocado na carreta florida de hortencias. Vêem-se, numa das photographias, os cadetes da Escola Militar que prestaram honras militares a Santos Dumont, formados em frente á Cathedral.

Algumas das sumptuosas corôas que foram collocadas sobre o feretro de Santos Dumont, destacando-se a do chefe do governo provisorio e a dos antigos combatentes francezes.

DO *RIDÍCULO*

Qual dos dois terá a mais perfeita noção do ridiculo — o ridiculizado ou o ridiculizante?

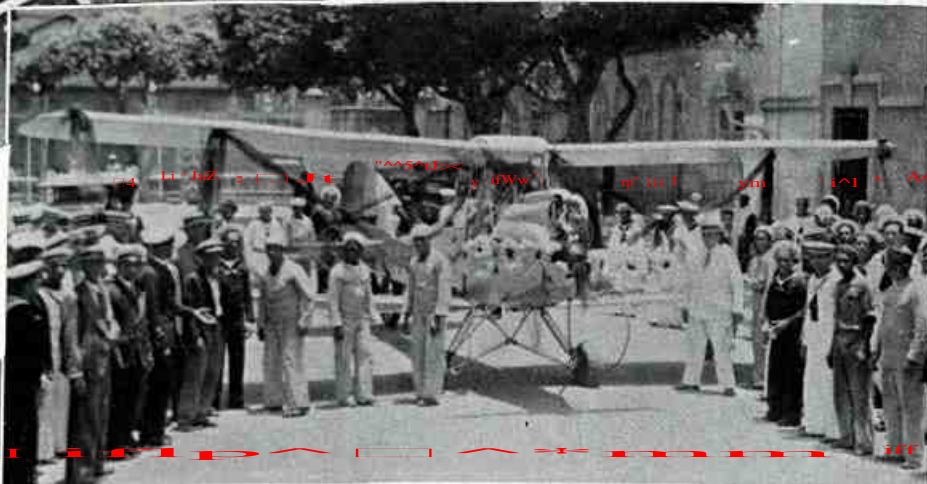
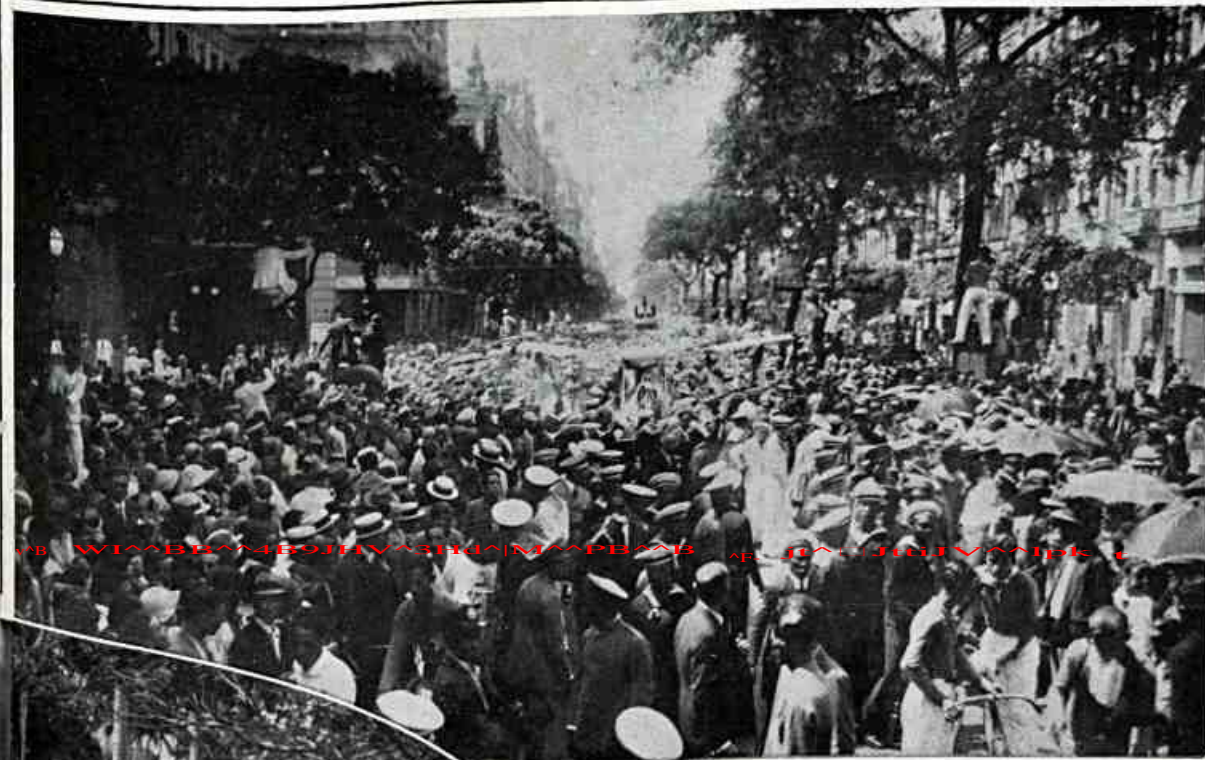
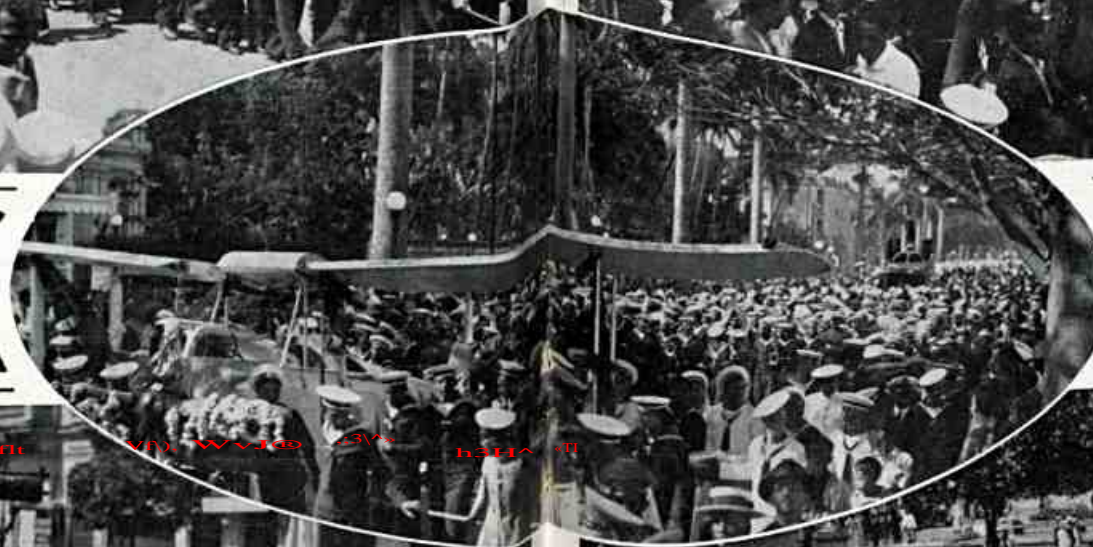
O palhaço, não profissional, diverte-se, divertindo os outros. Si o riso é para alguns um signal de alegria, a lagrima, em certos momentos, não deixa de o ser.

O mundo é, por si mesmo, um accumulo de torpezas; que adeanta, pois, ao homem amesquinhar a quem lhe parece mais humilde? Si um se não deve expôr, o outro não deve invéstir contra elle.

O ridiculo é, quasi sempre, a arma que mais está ao alcance dos despeitados, e intimamente vencidos!...

Alexandre Passos

O hydro-avião da Marinha que figurou no cortejo fúnebre, por determinação do director da Aviação Naval, que prestou assim uma expressiva homenagem ao precursor da navegação aerea.

A commissão da colonia portugueza que compareceu ás exéquias e aos funeraes de Santos Dumont.

Varios flagrantes do enterro de Santos Dumont, tomados na avenida Rio Branco e na avenida Beira Mar, quando o grande cortejo funebre que levou á derradeira morada o insigne brasileiro — gloria e orgulho da nossa raça — desfilava por aquellas arterias da cidade, a caminho da necropole de São João Baptista.

A TRISTEZA DAS FEIRAS LIVRES

(Especial para FON-FON)

Nas feiras livres, nas manhãs doiradas,
as praças ficam lindas, multicôres.
Riem, ao sol, as calçadas,
em sadias, bucólicas risadas
de legumes, de fructas e de flores.

Senhoras ricas da redondeza
(algumas de rara belleza)
passam, de espaço a espaço,
sem pressa, olhando á tôa...
As amas vão atraz, cêstas ao braço,
vagarosas, attentas á patrôa.

Erra no ar um aroma inebriante, indeciso...
Anda por tudo uma radiosa alacridade!

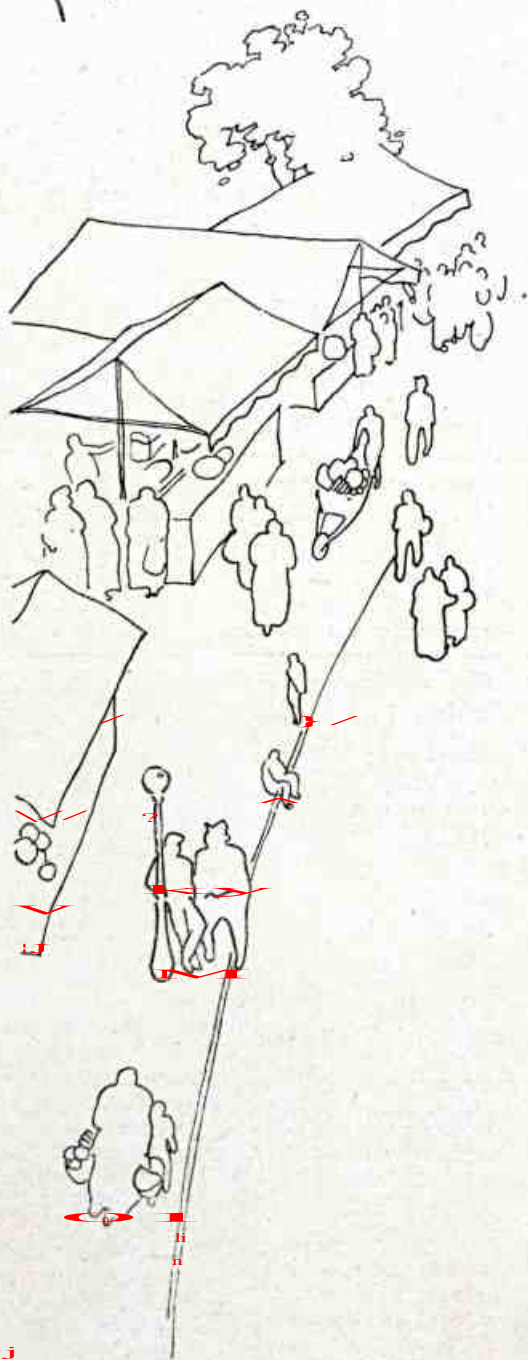
São como festas feitas de improviso
as feiras livres da cidade...

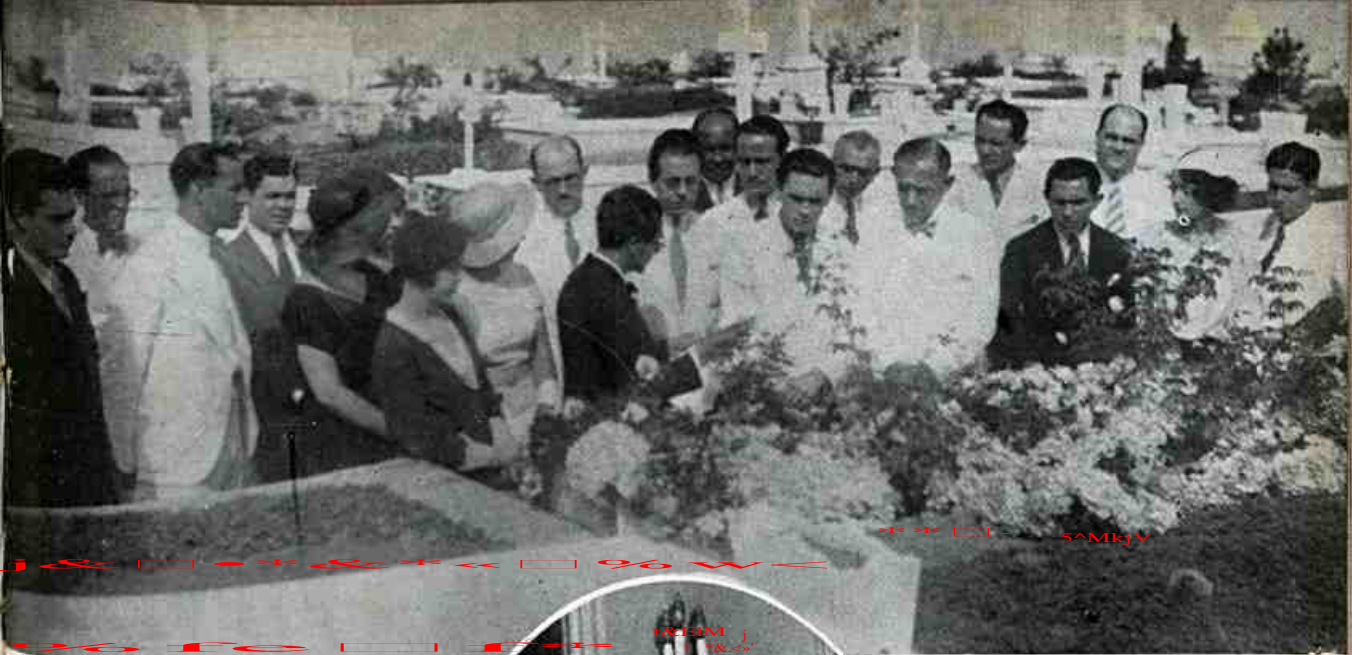
As feiras livres são risonhas, suggestivas:
lembram saúde, paz, fartura,
mesas felizes e convidativas,
lares tranquillos, sem desventura.

As feiras livres, nas manhãs doiradas,
são lindas como contos-de-fadas...

São lindas. Entretanto,
não raro, o nosso olhar ali descobre
(ou o nosso coração sensivel adivinha)
a magoa, a fome, o desconforto, o pranto,
que vem do olhar de alguma criança pobre,
ou de alguma paupérrima velhinha!...

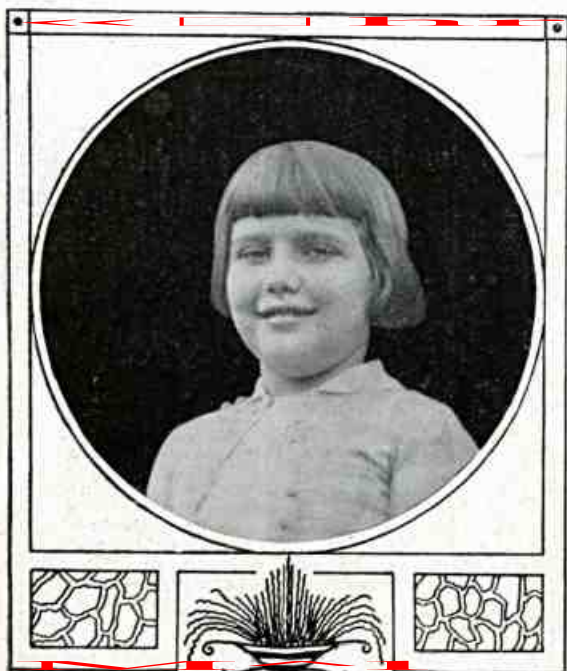
Vidas tristes, humillimas, obscuras!...

E sentimos, então, quanto é grande o pesar
dessas desconsoladas creaturas,
que rondam, timidas, os vendedores...
e que não tem nem um tostão, para comprar
legumes, fructas e flores...

PAULO WERNECK

CORRÊA JUNIOR

HERMES - FONTES E AS HOMENAGENS A' SUA MEMORIA

PROFUNDAMENTE tocantes foram as homenagens que os amigos e admiradores do grande poeta e nosso ex-companheiro Hermes Fontes levaram a effeito, segunda-feira ultima, data do 2º anniversario da sua morte. Pela manhã, numeroso grupo de intellectuaes realizou uma romaria ao tumulo do cantor de "Apotheoses", falando o illustre escriptor e academico Laudelino Freire, grande amigo de Hermes-Fontes, que proferiu commoventes palavras de saudade; o poeta C. de Paula Barros, que recitou bellos versos em homenagem á memoria de seu grande collega, e o professor Vicente Ferreira, que disse uma oração cheia de sentimento. A' tarde, houve uma sessão na Academia Brasileira de Letras, tendo o illustre escriptor Povina Cavalcanti estudado, em brilhante conferencia, a vida e a obra de Hermes Fontes, fixando as angustias luminosas do grande artista que o fascinou como poeta e como amigo. Povina Cavalcanti, ensaista subtil, sensibilidade requintada, fez um trabalho de mestre sobre a personalidade de Hermes Fontes.

Também o nosso prezado e eminente companheiro dr. Gustavo Barroso, presidente da Academia e figura de indiscutivel relevo no scenario intellectual do paiz, falou, nessa occasião, sobre a obra literaria do poeta extincto, sendo, como Povina Cavalcanti, calorosamente applaudido. Houve ainda outros oradores, que disseram versos e prosa em homenagem a Hermes Fontes. A redacção do FON-FON fez-se representar na romaria ao cemiterio de S. João Baptista por uma commissão composta dos seguintes redactores: Martins Capistrano, Mario Poppe, Bastos Portela, Elias Lopes, Sergio Silva Filho e Lelio Vieira Machado, os quaes depositaram uma grinalda de flores naturaes sobre a tumba do admiravel poeta que foi, nesta casa, a par de companheiro glorioso, um amigo inseparavel.

Rendas de espuma

Lucy Eyer acaba de proporcionar aos seus extremosos paes mais um grande e legitimo motivo de jubilo. Intelligente, applicada nos seus estudos, a querida filhinha do conhecido cirurgião patricio professor Frederico Eyer foi, este anno, no curso gymnasial do Collegio Baptista, a alumna que melhores notas obteve. Não fosse um competidor do 5.º anno, do curso não official, e caberia a Lucy, que vem de concluir o 1.º anno gymnasial, o premio medalha de ouro, que aquelle conceituado instituto de ensino confere, annualmente, ao alumno classificado em 1.º logar, pelas suas notas. Lucy, porém, que é uma menina-modelo, querida e estimada pelos seus professores e collegas, com o estimulo da posição de accentuado relevo que conquistou, certo se reservará para uma victoria maior no proximo anno, levantando o premio de honra do Collegio Baptista.

HOMEM «VIEUX STYLE»

CLAUDIO frizou:
— Você está mudado.

— Mais velho, quer você dizer, não? — emendou Paulo André.

— Não é velhice, que lhe noto. E' o caracter... Você hoje parece outro homem. Dir-se-á que deixou de ser aquelle que conheci ha tres annos.

— Sim. E' natural — observou Paulo André — Muda-se de hora em hora. De corpo e de alma.

Claudio disse, então:

— Você só mudou de alma. De corpo, não; está moço, forte, esplendido de saude. O que o torna differente é esse ar melancolico...

Paulo André permaneceu um instante, em silencio. Ao fim de um minuto, suspirou, num tom de pungitiva amargura:

— Talvez o amor... O amor! Musset resumiu o caso nesta synthese: "Il y a de certains amours dans la vie qui bouleversent la tête, les s e n s, l'esprit et le cœur...". E não será isso uma verdade candente?

Sceptico, o outro duvidou:

— Não o creio.

— Não crê? — espantou-se Paulo. Não crê, por exemplo, que o amor de uma mulher, que se perdeu, possa arruinar um coração para sempre?

Claudio sorriu com indifferença:

— As mulheres passam como as rosas e as borboletas. E quando ellas passam, é signal de que o amor foi na frente, precedendo-as...

Paulo André, sempre lyrico, protestou:

— Passa o amor, sim... As mulheres se vão. Mas fica a marca da passagem dellas em nossa vida. E é a isso que chamo as ruinas, os estragos, os vestigios da nocividade do amor... O amor de uma mulher que se perdeu bem pode ser substituido por outro. Estou certo disso. Não é por se ter perdido uma, que não se encontre outra; e, ás vezes, mais pura, mais sincera, mais real. Mas quando se vae para outro amor, a alma já não é a mesma. Não se ama nem se pode amar, como outr'ora.

Claudio zombou ainda:

— Qual! Você é um romantico fóra do seu tempo, Paulo André. Modernize-se.

— A alma não é uma vitrine de "magazins" de modas, meu velho. A alma é o resultado daquillo que somos pelo sentimento, e daquillo que o ambiente impõe que sejamos. Não se modéla uma alma como uma estatua. Percebe?

— Quer você dizer que a sua melancolia é o resultado de um affecto perdido?

— Ou por outra, daquillo que a perda desse affecto causou á minha alma...

E depois de uma reflexão:

— Eu era um homem de bôa fé. Alegre. "Blagueur". Vivia contente com a propria vida. Optimista, c h e g u e i a crêr nas mulheres. Era estupido. Crêr nas mulheres é tão idiota como crêr na constancia das nuvens. Mas, um homem que ama tem medo da verdade. E crê, de preferencia, em tudo que é fingido, que é falso, que é inconsistencia e mentira. Eis porque eu era um cavalheiro credulo, de bôa fé, optimista risonho, que chegou a crêr nas mulheres... Hoje...

— E hoje? — inquiriu Claudio, a curiosidade accesa.

— Sou este homem que você vê: de alma em farrapo, de coração duro e secco, e de espirito sceptico.

Claudio motejou, dando-lhe o braço com alegria:

— Romantico... "Vieux style"... Vamos ver as mulheres... "Similia similibus curantur"... com veneno é que se cura veneno...

Yves

O novo bacharel Hélio de Souza Leite, sobrinho do illustre escriptor e academico Cláudio de Souza, que com apenas 15 annos collou gráu, na semana passada, de bacharel em sciencias e letras.

Foi uma festa legitimamente jornalistica, o almoço que a directoria do Touring Club do Brasil offereceu, sabbado ultimo, vespera de Natal, á imprensa brasileira, para significar-lhe, numa homenagem publica, o alto apreço em que a tem, pelo muito que os nossos jornaes já fizeram e continuam a fazer em beneficio dos nobres e patrioticos ideaes daquella instituição turistica. Achando-se enfermo o dr. Octavio Guinle, illustre presidente do Touring Club, presidiu á festa o dr. P. B. de Cerqueira Lima, que se sentou á mesa do almoço ladeado pelo presidente da Associação Brasileira de Imprensa, dr. Herbert Moses, e pelo nosso illustre confrade Affonso de Carvalho, actual interventor federal no Estado de Alagôas. Falaram varios oradores, sendo principaes os drs. P. B. de Cerqueira Lima e Herbert Moses, cujos discursos foram muito applaudidos. Focaliza o nosso «clichê» um aspecto do almoço do Touring Club e um grupo de directores da instituição e jornalistas que participaram do mesmo.

Para tratar da organização da «Quinzena Carioca» e instituição da «carteira do turista», que tem por fim facilitar e baratear a estadia, nesta capital, dos nossos patricios do interior que desejem assistir aos festejos carnavalescos, realizou-se segunda-feira, na séde do Centro dos Proprietarios de Hotéis, grande reunião presidida pelo dr. Mario Sá Freire, representante do sr. ministro Salgado Filho, titular da pasta do Trabalho. Tomaram parte na mesa, a convite do dr. Sá Freire, os srs. P. B. de Cerqueira Lima, vice-presidente do Touring Club do Brasil; Francisco Cabral Peixoto, presidente do Comité organizador da Quinzena Carioca»; Arlindo Bauer, representante da Federação dos Trabalhadores do Rio Grande do Sul; dr. Guilherme Gomes de Mattos, advogado do Centro de Hotéis; Armando de Almeida, presidente do Centro, Manoel Monteiro da Luz, do «Jornal do Brasil», Alfredo Ludolf e Berilo Neves, directores do Touring Club. A reunião decorreu muito animada, tendo falado os srs. Cerqueira Lima, Berilo Neves, João Dias da Silva, Francisco Marques, Arlindo Bauer, Gomes de Mattos e, por ultimo, o dr. Sá Freire, que prometteu todo o apoio do ministro do Trabalho a essa patriotica iniciativa. Nosso «clichê» fixa um aspecto dessa movimentada reunião.

Caverna de Ali Babá

O LIVRO DE UM MEDICO

Castro Barreto é um claro espirito, que a paysagem da vida emociona e exalta. Como é medico, nesse panorama variado e variavel, vê mais do que outros a gente e as coisas da sua profissão. Sabe vêl-as, porém. Seu livro Medicos e para medicos está cheio de bellas e sentidas paginas. A sobre Oswaldo Cruz, por exemplo: "Não tinha Oswaldo a feição cambiante das intelligencias dos tropicos, desperdiçando idéas e conceitos ou encachoeirando raciocinios que se entrechocam e despenham, na pujança dos nossos grandes talentos: era a mentalidade illuminada e calma que porfia no encadear trabalhoso com a energia de um forte, a serenidade de um creante e a força de um titan! Por isso maior nos avulta esse homem sem par e dispar com o seu meio e com o seu tempo: emquanto a geração persiste no cultivo de uma sentimentalidade asthenisadora e enervante; de uma philosophia superficial e eminentemente balôfa; duma arte meticulosa e banal; duma literatura sem originalidade ou servil, elle institue e libra uma obra formidavel que assenta na observação do meio e do homem; na adaptação das conquistas scientificas e na sciencia experimental, que, sob os seus desvelos de amoroso cultor, brota esplendida e vivente nessa maravilhosa terra brasileira, para onde, transplantadas, devem robustecer todas as florações da vida... Nunca a harmonia foi maior num homem, em que a natureza vestiu o espirito numa belleza antiga, numa cabeça de perfeição classica!"

Todo o livro nesse estylo quente e sonoro, em que o autor mostra no seu enthusiasmo a intima communhão de sua alma com os assumptos. A mesma elegancia e a mesma vida nos rapidos começos de Rotgen e de Pasteur, de Madame Curie e de Miguel Pereira: Uma grande fé na sciencia, um grande amor á medicina e uma vasta esperança no futuro quando trata de assumptos para medicos, com certa dose de humour ou de ironia, ás vezes. Mas em tudo a mocidade de seu espirito canta a alegria de viver.

Um bello livro o de Castro Barreto!

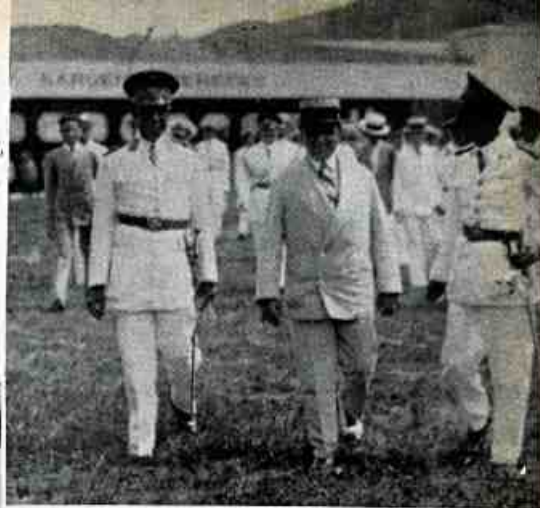
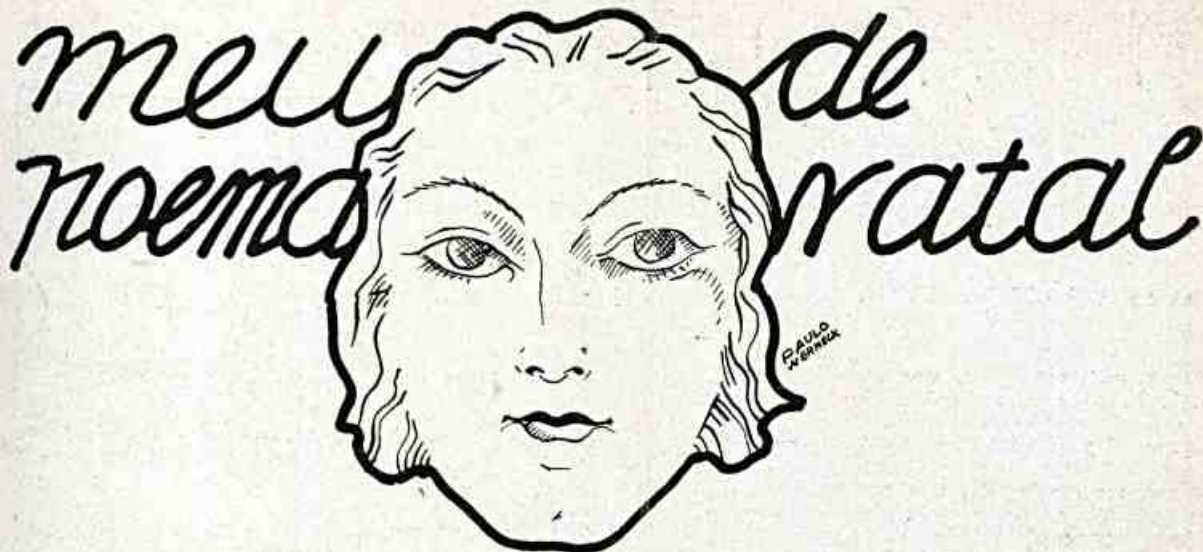
SÉSAMO

O dr. Manoel Moreira Camargo, que acaba de se formar pela Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro, tem recebido, por isso, em Victoria, onde reside, expressivas demonstrações de apreço por parte dos seus innumeros amigos e admiradores. O novel bacharel é professor do Gymnasio do Espirito Santo e figura estimada na sociedade capichaba.

Diplomou-se recentemente pela Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro o dr. Wolney de O[illegible]ra Ribeiro, que seguiu para a ci[illegible] Rio Preto, no Estado de São Paulo, onde pretende exercer a sua clinica.

O dr. Ernesto Pereira Borges, que recentemente concluiu o curso de direito na Faculdade do Rio de Janeiro, foi nomeado promotor de Justiça da comarca de Ponta-Porã, no Estado de Matto-Grosso, para onde acaba de seguir, afim de assumir o seu cargo.

OS NOVOS AVIADORES DO EXERCITO

Com a presença do chefe do governo provisorio e de outras altas autoridades, civis e militares, realizou-se na penultima quinta-feira, 22 do corrente, a cerimonia da declaração de aspirantes a official dos alumnos da Escola de Aviação Militar que terminaram este anno o curso daquelle estabelecimento. Os novos aviadores militares, formados no Campo dos Affonsos, prestaram, solennemente, o compromisso legal, tendo, após, desfilado em continencia ao presidente da Republica e demais autoridades, que assistiram á bella cerimonia de um pavilhão armado especialmente para esse fim. São os principaes flagrantes da festa dos novos aviadores do Exercito o que representam as photographias desta pagina.

No penultimo domingo, 18 do corrente, o Automovel Club do Brasil realizou um passeio campestre a Jacarepaguá, no qual tomaram parte, além do presidente, dr. Carlos Guinle, alguns directores e o Comité de Imprensa daquella grande associação sportivo-mundana. Naquelle pittoresco recanto da capital, foram os excursionistas principescamente obsequiados pelo dr. Joaquim Catramby e exma. familia, na sua aprazivel vivenda de veraneio, onde foi servido, além de um delicioso churrasco verdadeiramente typico — pequeno aperitivo para muitos dos modestos «gourmands» presentes... — um almoço de fino cardapio brasileiro, em que houve, de par com os vinhos... espirituosos, o espirito eloquente dos discursos de Porto da Silveira e Nelson Pinto, que falaram, respectivamente, em nome do Comité de Imprensa e da directoria do Automovel Club do Brasil. Esta pagina de FON-FON apresenta alguns dos mais suggestivos aspectos da encantadora festa campestre.

DEZEMBRO é o mez das minhas evocações sentimentaes. E' o mez lyrico das minhas ternuras romanticas. E' o mez da minha inquietude interior. Dezembro é o mez da minha saudade.

Quando chega dezembro, e as crianças se movimentam ingenuamente para a sua grande festa annual, a minha alma infantil se engalana de esperança, pensando que tambem terá o seu presente de Natal, ha tantos annos promettido por esse garoto que não envelhece: o Amor.

Meu poema de Natal é você, que o destino carregou para longe do meu pobre coração de solitário. Meu poema de Natal tem dois olhos verdes como a illusão dos meninos que ainda acreditam no Papae Noel. Dois olhos verdes que accenderam na minha vida todos esses desejos luminosos em que me debato inutilmente, á sua espera...

* * *

Uma vez, você, com os seus olhos faiscando nos meus olhos e na minha alma, quiz saber onde havia nascido o nosso amor impossivel.

Era dezembro, e um luar sumptuoso envolvia a sua linda silhueta esplendente. Andavam pelas ruas da sua cidade verde pequenos rumores de Natal. Agitava-se em torno de nós o mundo inquieto e alacre dos pequenos amigos de Jesus-Menino. Vozes infantis enchendo de harmonias o nosso silencio...

— Onde nasceu o nosso amor impossivel? Nos seus olhos verdes, que me prometteram a felicidade...

E você sorriu tristemente, meu suave poema de Natal...

* * *

Você veiu para mim como um verso de André Dumas:

Ce printemps n'est pas fait pour moi...

Foi o Destino que nos approximou. Não sei para que... Eu gostei de você e você fingiu gostar de mim. Amámo-nos. Lindamente.

Mas, um dia, o Destino, assim como nos unira, nos separou. Eu fiquei onde estava: na desillusão. Mas você... você procurou uma coisa que não existe: a felicidade. E fugiu de mim. Foi para longe do meu desalento. Acreditou na promessa de um Papae Noel mentiroso...

Meu lindo poema de Natal, por que você não volta para o coração que deixou vazio?...

Chegou mais um dezembro sem a luz dos seus olhos verdes e sem a fascinação do seu sorriso de mulher e flôr. Chegou mais um dezembro triste para os meus anseios de emotivo.

A garotada está alegre porque aguarda a grande noite da illusão para collocar os seus sapatos á janella que se torna do Desconhecido quando o calendário annuncia o anniversario de Jesus.

Ha um tumulto de esperanças e incertezas nos corações infantis.

Minha alma de criança grande já não acredita no Papae Noel do Amor, que todos os annos deixa os meus pobres sapatos vazios...

Nem ao menos você, meu poema de Natal — nem ao menos você se lembra mais de mim para o consolo de uma mentira epistolar...

* * *

Meu poema de Natal! Illumine-me com a luz dos seus olhos de saphyra! Enriqueça-me com o oiro dos seus cabellos! Deslumbre-me com a sua belleza de mulher! Acaricie-me com as suas mãos de neve! Entonteça-me com o seu perfume! Embriague-me com a sua mocidade!

Traga os seus encantos para mim, que, sem acreditar em nada, ainda acredito em você... meu poema de Natal!

Mauro de Alencar

NATAL

[PARA A POETISA MARIA EUGENIA CELSO]

"Hoje, após primaveras que passaram
Cheias de claro riso, e outomnos tristes
De lagrimas sem fé que os meus ólhos choraram,
Penso, só para mim, Papá Noél, que existem.

Surges-me em luz das sombras do passado.
O teu vulto de lenda enche-me o pensamento.
Vens tropego, alquebrado,
A barba branca, o passo tardo, o gesto lento...

Trazes ás mãos o teu cajado. E' ao dorso
Preso, o teu sacco de presentes cheio...
Maravilhoso, extraordinário esforço
O teu, de contentar o coração alheio!

Assim sonhei-te na innocencia. E' assim
Te sonho ainda na desesperança...
Sê agora dadivoso para mim,
Como o foste nos tempos de criança!...

Ponho os sapatos á janella, e espéro
Tremula e ansiosamente, a hora em que has de vir...
Como nos longes dias, encarcéro
No olhar, o somno, para não dormir.

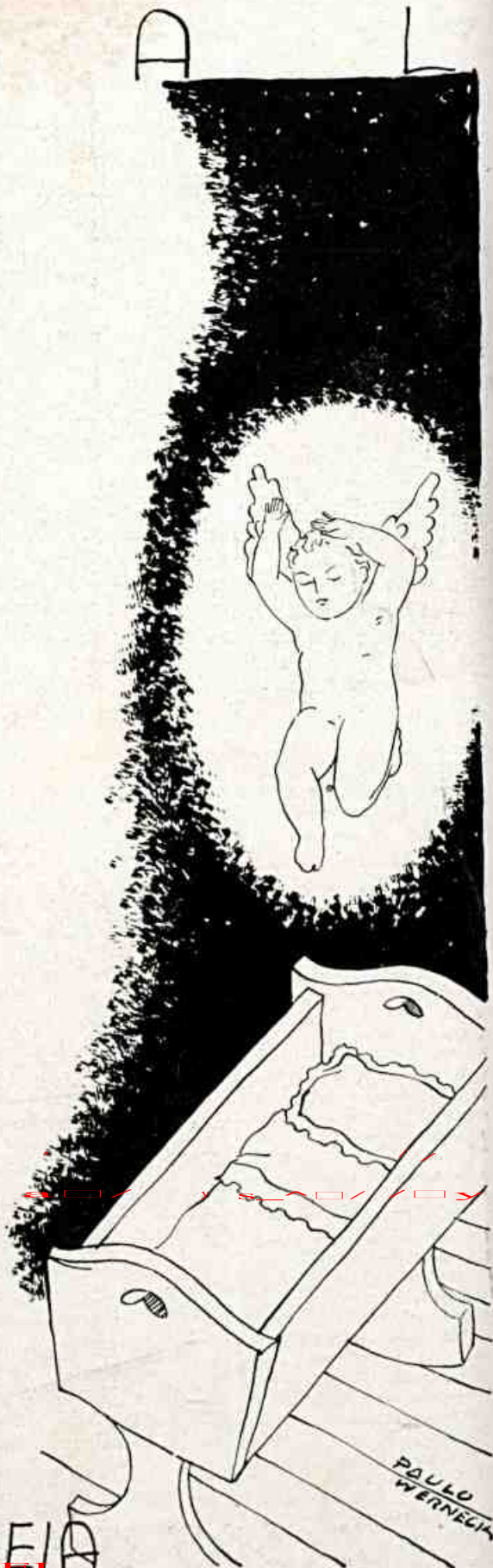
Mas si o cansaço me vencer, e entrares,
Manso, o meu quarto onde a saudade habita,
Ao partires, subtil, em busca de outros lares,
Deixa um confôrto para esta alma afflicta!

Pápá Noél, eu não te peço amores.
Eu não te peço gloria nem riqueza.
Nem quero, em meu caminho, olôr de flôres,
Nem mocidade... nem belleza!

O meu sonho impossivel
E' ainda uma só vez, — a ultima! — revêr
O pequenino sól que um destino inflexivel
Foz mergulhar na tréva do Não-Ser.

Pápá Noél! Eu desfalleço e tremo
Na illusão de um Natal que nunca hei de gozar...
Infeliz! Ouso crêr no milagre supremo
Que é o derradeiro bem que me podias dar!..."

• • •

Esse estranho clamôr, pude sentil-o, em pranto,
De desvairada Mãe, no olhar sombrio.
Olhar que viu, da vida, o verdadeiro encanto,
E hoje, afinal, contempla um bercinho vazio...

VALMIRINA CORREIA

FON-FON no cinema

Alli é que elle estudava.

Paris, eu te amo!

(IL EST CHARMANT)
Da PARAMOUNT
com Pola Negri, Roland Young e Basil Rathbone

JACQUES Dombrevat, joven estudante de direito, está nas vesperas de fazer os seus ultimos exames, mas, em vez de mergulhar nos livros para avivar a memoria, passa a noite da vespera do grande acontecimento numa farra do "Quartier Latin", em companhia de outros farristas como elle.

Quando chega o dia seguinte, é sem nenhum enthusiasmo que se dirige á Faculdade, cujo edificio elle nem sabe onde está localizado. Por acaso, no caminho, encontra uma linda pequena que lhe agrada, e desde logo a segue, sem mais pensar nos exames que tem de fazer. E' uma orphã, por nome Jacqueline que vive, pobre e só, num modesto quartinho. Por uma feliz coincidencia, a attrahente desconhecida, em cujo encalço elle vae, leva-o direitinho á Faculdade. E' que, estudante de direito tambem, ella alli tem que ir cumprir obrigações iguaes ás delle. Realizam-se os exames e Jacques é reprovado, ao passo que Jacqueline é approvada com uma nota em extremo elogiosa.

Jacqueline.

De regresso a sua casa, Jacques vae alli encontrar Emile Barbarin, o primeiro escrevente de seu tio, que é tabellião na provincia. Barbarin informa a Jacques que seu tio resolveu confiarlhe a direcção de um tabellionato em Riom, em cujas attribuições determinou que elle, Barbarin, lhe servia de mentor durante os primeiros tempos.

E eis Jacques, de um dia para o outro, á frente de um cargo notarial em Riom. Logo, porém, elle se dá pressa de abolir todas as praxes antiquadas e passa vistos do tabellionato, creando em vez dellas uma série de innovações cujo modernismo enche de espanto os pacificos habitantes da villa, agora a contas com os antigos companheiros de farras de Jacques, que elle tomou por empregados. E é facil

Era o amôr, afinal!

imaginar com que desconcertante fantasia estes se desempenham das suas obrigações. Mais tarde pede para Paris um chefe de serviço, e esse chefe, com grande surpreza de Jacques, é nada menos que Jacqueline.

A presença da rapariga no cartorio offerece dentro em pouco um novo thema á maledicencia de todas as comadres e tias velhas da villa. Jacqueline é apontada como amante de Jacques, o que a desgosta profundamente. Para tranquillizál-a e offerecer um publico desmentido ao boato villarejo, Jacques resolve mandar vir de Paris Gaby, a companheira de um dos seus camaradas do "Quartier Latin" e fál-a passar por sua amante.

Jacqueline, que, quasi inconscientemente, se apaixonou por Jacques, vê com maus olhos essa intrusa, e cheia de ciumes, para provocar o despeito de Jacques, finge um "flirt" com Ludovic de la Tremblade, um dos clientes do cartorio, e chega a ponto de annunciar o seu proposito de tomál-o por esposo.

Mas chegará Jacqueline a esse extremo?

Não, porque, valendo-se das suas attribuições notariaes, Jacques substitue o seu nome pelo de Ludovic no contracto de casamento, o que lhe grangeia para sempre o amôr de Jacqueline, unica herança de valor que lhe veiu dos seus tempos de estudante.

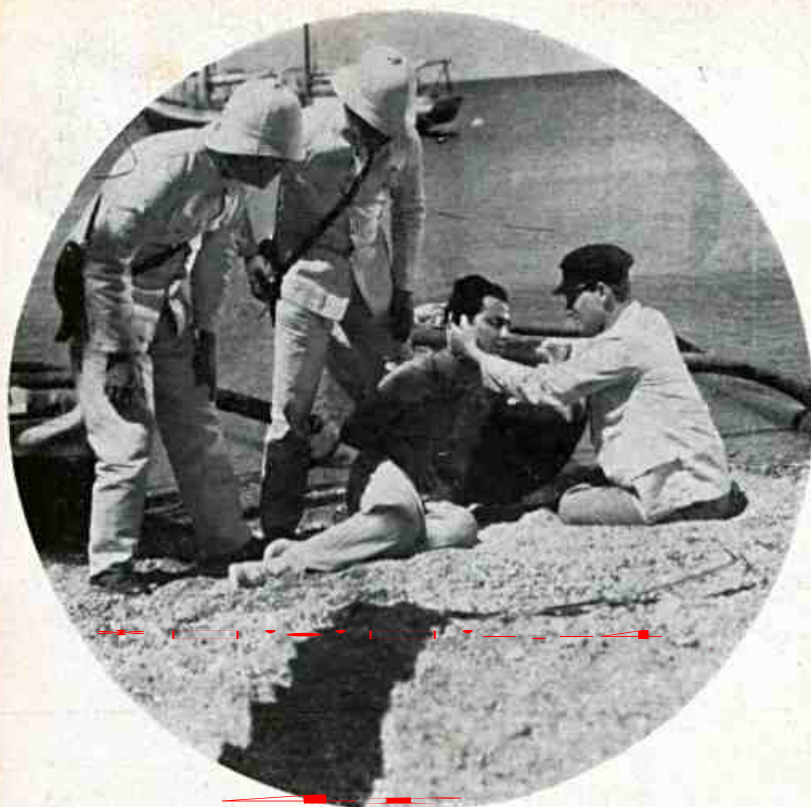
Enleio.

«Il est charmant».

Paramount
apresenta as
suas primeiras
super-produções de
1933
PARIS, EU TE ÁMO!
(Il Est Charmant)
Uma opereta em que centelha toda a espiritualidade e elegancia da maravilhosa Cidade-Luz
Interpretes principaes:
MEG LEMONNIER
e HENRY GARAT
ENTRE DUAS AGUAS!
(Devil and the Deep)
A historia de uma insatisfeita que preferiu o sacrificio da Vida ao sacrificio do Amor
com
TALLULAH BANKHEAD
e PAUL LUKAS
RAINHA E MARTIR
(A Woman Commands)
Esplendor e decadencia de uma rainha que muito padeceu por muito haver amado
Protagonista:
POLA NEGRI
A Rainha do Cinema de Todos os Tempos
HOMEM DE PESO
(Lady and Gent)
com
GEORGE BANCROFT
e WYNNE GIBSON
A vida dramatica de dois entes simples que se julgavam maus e eram bons em extremo
Paramount
Pictures

A Mulher pintada

Film da FOX

Spencer Tracy, Peggy Shannen e Raul Roulien

Attracção invencivel.

KIDDO, uma formosa bailarina, encontra-se numa dolorosa situação, o que a obriga a acceitar os galanteios do capitão Boynton, em Singapura, e em sua companhia se dirige á Australia.

Durante a travessia, um tripulante cáe enfermo com uma doença grave e epidemica, pelo que o capitão exige que Kiddo desembarque em um dos portos que ficam proximo do porto do destino. Kiddo obedece e tem occasião de conhecer, alli, Roberto Dunn, que é um homem de influencia no logar, e Tom Brian, que é um simples pescador de perolas.

Passam os dias e Kiddo e Brian enamoram-se de uma maneira apaixonada e vibrante. Brian põe tanta sinceridade na sua paixão, que desde logo quer unir-se pelos laços do matrimonio. Kiddo nega-se a ceder a esse desejo, com o receio de que Boynton volte de um momento para o outro e dê expansão ao seu ciume. Mas, pouco depois, Kiddo lê em um jornal que o navio em que vinha Boynton se tinha afundado e julgando-se por isso livre do seu amante, resolve casar-se com Brian.

Acontece que um dia Brian salva um pescador nativo, Jim, que estava prestes a ser devorado por uma féra do mar. A esse tempo, vem ao conhecimento de Dunn que o barco em que viajava Boynton se tinha salvo e que elle chegaria áquelle porto dentro de alguns dias. Aterrada, Kiddo recebe Boynton no cáes e procura convencel-o de que, si não partir immediatamente, será preso. Mas o seu estratagema não dá resultado, porque o intrigante Dunn dá a Boynton a noticia do casamento de Kiddo. Furioso, Boyton vae á casa de Brian e alli encontra Kiddo sozinha. Kiddo perde os sentidos, aterrorizada com as attitudes de Boynton e nesse momento entra Jim, que o mata.

Kiddo é accusada de ter assassinado Boynton. Brian regressa para defender Kiddo. O vingativo Dunn é o mais acerrimo accusador de Kiddo, cujas declarações não convencem o tribunal da sua innocencia. Dunn toma, então, a mais negra e perversa attitude, recusando-se a defender sua esposa.

Jim, o nativo, com a alma cheia de sinceridade, vendo a situação grave em que se encontra aquella mulher, confessa o seu crime, mas trata de fugir, no que é ferido mortalmente por um dos guardas. Morre nos braços de Brian que ouve da bocca de Jim as palavras que provocam a sua reconciliação com Kiddo.

O QUE FAZEM OS ARTISTAS CINEMATOGRAPHICOS DURANTE OS INTERVALLOS?

O que fazem os artistas cinematographicos durantes os intervallos?

Emquanto os technicos fazem seus preparativos para a proxima scena e as luzes e as "cameras" são ajustadas, os actores deixam o scenario, retirando-se em diversas direcções.

Será que elles se sentem com as mãos cruzadas ou se occupam com alguma coisa ou divertimento? Esta

Jim fôra salvo.

Estava realizado o seu ideal.

scenario no momento preciso em que vão começar os trabalhos.

Joan Crawford tem seu programma diario quando está trabalhando em algum film. Durante a producção de "Letty Lynton", por exemplo, ella arranjava suas occupações de tal fórma que pudesse ter uma hora para praticar o francez. Nos seus momentos de folga tambem tecia tapetes, dos quaes já fez seis, e os presenteia aos seus amigos.

Ramon Novarro não póde praticar o canto quando está no scenario sonoro, e assim compõe musica e escreve a letra nos intervallos. Wallace Beery, que dirige seu proprio avião, anda sempre estudando aeronautica, as correntes atmosphericas e as condições nas alturas. Até o ultimo minuto de seu intervallo, Helen Hayes dedica-se á obra que está escrevendo. William Haines faz desenhos de lampadas e moveis que irão adornar as habitações do alguem que passa pela sua loja de antiguidades e decorações.

Os dois estavam apaixonados.

pergunta é frequentemente feita aos studios da Metro-Goldwyn-Mayer.

Quem estivesse por casualidade no scenario sonoro onde estava sendo filmado "Blondie of the follies", teria visto Marion Davies trabalhando infatigavelmente deante duma bateria de "cameras". Mas logo que foi terminada a scena, retirou-se para o seu camarim portatil, e armada duma caneta, tinta e papel, apanhou uma enorme pilha de cartas. Não ha ninguem que tenha mais amigos em todos os recantos do mundo do que Marion Davies, e insiste em responder pessoalmente todas as cartas que recebe.

Norma Shearer tem innumeras cousas a fazer durante os intervallos de suas producções. Tem menús para preparar, instrucções para dar aos seus creados pelo telephone, attender a compromissos sociaes. Esta encantadora estrella maneja com tal habilidade em tão pouco tempo que sempre está de volta ao

«Elle não morrerá!»

A FOX FILM DESEJA A TODOS OS SEUS AMIGOS UM FELIZ ANNO NOVO E ANNUNCIA A SUA PROGRAMMAÇÃO PARA JANEIRO DE 1933

MULHERES E APPARENCIAS (JOAN BENNETT)
(CARELESS LADY) JOHN BOLES
RAUL ROULIEN

SONHO DE MOÇA (MARION NIXON)
(REBECCA OF SUNNYBOOK FARM) RALPH BELLAMY

PAGANDO COM A VIDA (GEORGE O'BRIEN)
(MYSTERY RANCH) CECILIA PARKER

LOUCURAS DA NOITE (SALLY EILERS)
(HAT CHECK GIRL) BEN LYON

WILL ROGERS NA REPRISE DE
"UM YANKEE NA CORTE DO REI ARTHUR"

Escriptores e livros

Filgueiras Lima — FESTA DE RITMOS
Fortaleza — 1932 — 8$

AQUI está um poeta de verdade. Filgueiras Lima é um artista do verso, que honra a Academia de Letras do Ceará, onde tem a sua poltrona.

A sua poesia tem a doçura da phrase, o encanto das imagens, o brilho do rythmo desordenado que fascina.

Era menino.
Um dia, olhei o céu: longe — as estrelas...
E' eu tive uma vontade immensa de colhê-las!
....
Estava desvendado o meu destino...

Tinha de ser...

Caçador de estrellas, semeador de emoções, Filgueiras Lima facilmente conquistou a nossa admiração com *Festa de ritmos.*

Como é linda a sua *Canção da chuva!*

Só. A chuva canta lá fóra.
O dia está triste e cinzento
como um inútil pensamento
de quem contempla a vida — e chora...
A chuva cái, lenta, lá fóra...

Parece que tem alma a chuva...
Ella chora assim como a gente,
sentidamente, amargamente,
quando a tristeza nos enviuva...
Deve ser triste a alma da chuva...

E, neste abandono — que frio!
Mas o coração está quente,
cheio de ti, eterna ausente,
no meu pobre quarto vazio...
Coração ardente! — que frio!

Alvas mãos de luar... labios de uva...
Penso: a saudade, na tarde erma,
na minha alma dorida e enferma,
chora e canta como esta chuva...

Vamos adeante e topamos com a joia que é *Exaltação:*

Vens a mim, docemente, ardendo de desejo,
e pões em minha bôca a brasa do teu beijo.
Estás nervosa e branca. Até lembras a lua,
que despe o manto de oiro e fica toda nua,
enchendo de volupia as estrelas e as rosas.

Aperto em minhas mãos as tuas mãos nervosas.
Contemplamos a noite immensa que relumbra
cheia de astros. E, os dois, ficamos na penumbra,
que agora se illumina, ao seu vivo esplendor,
sentindo o amor! gozando o amor! vivendo o amor!

A imaginação ardente do poeta dá o colorido necessario ao verso, de tal maneira, que o leitor devóra o livro. E, si fossemos citar as producções do nosso agrado, teriamos de reproduzir o volume. Mas, não resistimos ao prazer de encerrar este registro, guardando para nós o segredo da *Quarta-feira de cinzas,* do poeta:

Quarta-feira de cinzas longa e fria!
Um velho aroma todo o parque invade,
evocando a aventura e a fantasia...
Quarta-feira de cinzas da saudade!

Ah! Colombina frivola e sadia,
eu penso em ti, nesta intranquilidade!
Cinzas... Recordação... Melancolia...
Eis o que resta da Felicidade!

Gemem, humanamente, os arvoredos.
Choram meus olhos, cheios de cansaços,
a ausencia de teus labios e teus dedos...

Vem matar, Colombina, os meus desejos,
na serpentina branca dos teus braços,
entre o rubro confeti dos teus beijos!

ALMANAQUE DO GLOBO — P. Alegre — 1933 — 5$

COM feição inteiramente nova, a conceituada casa editora Livraria Globo publica o "Almanaque de 1933", fartamente illustrado e com optima collaboração literaria.

Emilio Ludwig — COLOQUIOS COM MUSSOLINO — Liv. Globo — P. Alegre — 1932 — 8$

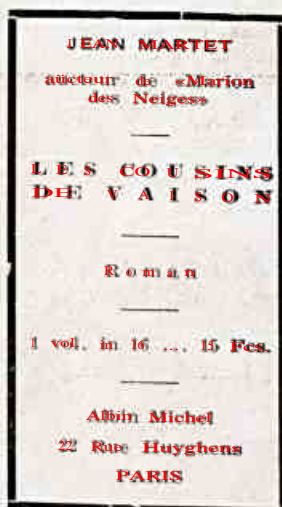
NO periodo de 23 de março a 4 de abril de 1932, Ludwig manteve conversações diarias com Mussolini, no Palacio Veneza, em Roma, sobre varios assumptos de interesse geral.

Depois, o admiravel autor de *Napoleão,* uma das obras de maior successo dos ultimos tempos, escreveu este livro, que tem o raro sabor da actualidade, pois o mundo está com os olhos voltados para a figura extraordinaria do Duce. Impossivel se torna resumir, neste simples registo, o conteúdo do livro.

Temos deante dos olhos dois homens formidaveis: o estadista e o escriptor.

Ambos constituem excepções no campo das suas actividades.

Por isso, certamente, a edição em portuguez, desta obra, vae despertar a maior curiosidade, alcançando successo igual ao dos centros europeus.

Mario Poppe [illegible]

Desdem com Desdem...

Por

LUIZ DE GÓNGORA

— ENTÃO, decididamente não me queres mais?

E, ante o gesto negativo de Marisa, o rapaz mordeu os lábios, com despeito e violencia, como para impedir a sahida de palavras brutaes que pugnavam por escapar-se...

Ella apparentemente desdenhosa e fria, continuou deante do grande espelho do salão, ageitando o chapéo e retocando as pequenas falhas da "maquillage".

Quando terminou o arranjo, voltou-se lentamente e, com voz calma e serena, disse:

— Adeus, Oscar. Tens sido um companheiro detestavel e um amante insupportavel. Teus ciumes, como teus carinhos, me enfastiaram e chegaram a dar-me a impressão de abafamento. Talvez, si me tivesses amado um pouco menos, eu pudesse ter-te supportado um pouco mais. Meu caro, si o pouco amor afflige e atormenta, o muito amor cacetêa e enjôa. Tu és um homem moço, forte, bonito, sympathico e rico... Mas... tens um grande defeito: és fiel e correcto demais.

"Comtigo a vida é calma, horrivelmente calma. Nunca me déste um desgosto: respeitas as minhas amigas, mesmo as mais intimas, que são justamente aquellas que mais me detestam. Nunca me trahiste.... Até hoje não consegui pegar-te numa unica mentira.... Pagas os meus caprichos sem reclamar e apenas olhas para as contas.... Só me fazes elogios e nunca tiveste a menor palavra áspera nem mesmo irónica para as minhas phantasias. Obriguei-te aos maiores absurdos e tu, fraco e amoroso, te prestaste ás minhas loucuras... Jamais tiveste um gesto viril ou violento.... Nunca te sentiste Senhor, por isso nunca o serás.

"Nasceste para escravo. As mulheres jamais verão em ti o Dono, o Homem, o Dominador; tu serás sempre, e com todas, o que foste para mim: um boneco.... um talão de chéques.... um pobre homem.... Passei dias e dias a exasperar-te propositalmente. Não penses que foi por acaso. Cheguei a esbofetear-te, a amesquinhar-te moralmente e tu, ante o mêdo de perder-me, sorrias resignado e terno, pensando, com certeza, que assim me conquistavas, quando, ao contrario, me perdias cada vez mais.... Emfim, como, apesar de tudo, eu não tenho completa indifferença por ti, si um dia te sentires realmente homem.... quem sabe?.... O destino nos reserva tantas surpresas.... Actualmente preciso fazer uma cura não de repouso, mas de agitação. Nós, as mulheres, somos como os gatos de casas ricas, aos quaes não faltam o menor conforto e regalo e que, apesar disso tudo, fogem de vez em quando, á procura de outros logares onde geralmente são recebidos a pancadas e com hostilidade. O encanto, porém, do desconhecido.... a angustia da miseria.... a volupia da dôr.... a aventura, emfim, têm uma força maior e mais attrahente que o perenne

conforto e bem estar. Repare como os casaes que lutam contra a miseria e o destino são mais unidos e se amam com maior ternura. A dôr torna a felicidade mais intensa e duradoura do que a monotonia venturosa. Os casaes pobres raramente se separam... Para os ricos inventou se o divorcio..."

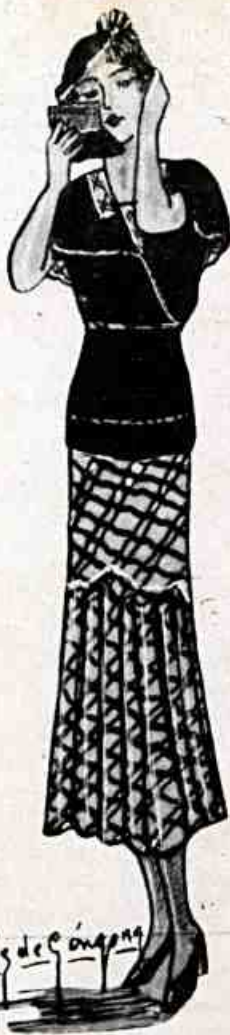
E, como a lenga-lenga de Marisa parecia não ter fim, elle, que a principio escutára pacientemente, foi perdendo o interesse ou, talvez, querendo aproveitar os doutos conselhos que a *coquette* mulher lhe dava, tirou algumas chaves do bolso, escolheu uma pequena prateada e, destacando-a das outras, offereceu-lh'a gentilmente, dizendo:

— Minha amiga, preciso sahir, mas como comprehendo que ainda não terminaste de falar, ficas com a chave para, quando te fores, fechares a porta.

E, sem esperar a resposta, sahiu rapidamente.

Marisa ficou pasmada de tamanha audacia e, sem voz, nem companhia para continuar a conversa, sentou se num sofá com a chave entre as mãos.

Depois de alguns minutos, foi voltando-lhe o espirito, seu temperamento irrequieto de mulher moderna recomeçou a raciocinar, embora já de fórma um pouco diversa.

— Que miseravel! Cachorro! Não, cachorro, propriamente, não... Mas egoista, malcreado, grosseiro e máo, isso elle é! Emfim, homem... Deixar-me com a palavra na bocca!... Quem sabe si todo aquelle amor que me demonstrava não era fingido para melhor me enganar? Elle me trahe! Aqui ha uma outra mulher!

Meus Deus, estará apaixonado por alguem?! Tambem pouco me importa! Não é que eu lhe tenha amor, ah isso, não! Mas creio que por humanidade eu devia sacrificar-me e permanecer nesta casa evitando a todo transe que alguma sirigaita venha a occupar o meu logar e a exploral-o. Ha tantas exploradoras sem consciencia!... Não! Meu posto é aqui, junto delle, para protegêl-o, cuidál-o... e arranhar a quem se apresentar... Que homens!... Que homens!...

.. ..

Horas mais tarde, quando Oscar voltou, encontrou Marisa, que, humilde e anciosa, o esperava costurando á luz d'uma lampada.

Elle, surprehendido, sorriu ligeiramente; então ella, chorosa e cheia de mimos, suspirou:

— Meu bem, por que te demoraste tanto? Não sabias que o meu coração soffre longe de ti?...

Elle, cada vez mais sorridente e irónico, perguntou:

— O gato de casa rica já voltou do passeio?

— Ai! O gato de casa rica apanhou a paulada antes de sahir... Por isso, agora prefere ficar... si o dono consentir...

O dono consentiu; o final, porém, da historia pertence a um outro capitulo que, talvez, algum dia publiquemos.

.. ..

(Trecho do livro "Era uma vez").

S A S H A

SASHA era um ser impenetravel. Quando a dona da casa a tomou a seu serviço como cozinheira, desconfiou daquella immobilidade facial, daquella ausencia de expressão, e quiz indagar alguma coisa sobre seu passado para saber algum dado que atirasse luz sobre a penumbra de seu aspecto. Deram-lhe informações diversas, mas nada que servisse de *abrete, sésamo!* para entrar naquelle reino de trevas. Presumia-se que tivesse uma alma, porque chegava um reflexo della no sorriso que lhe banhava de doçura o rosto, quando apparecia Bebé. Era sua unica exteriorização affectiva e isso mesmo era tão vago, tão incipiente como um esboço de carinho. Não falava nunca, e cumpria com suas obrigações como uma automata, sem calor, sem enthusiasmo, sem a mais leve variante. Sasha voltava do mercado, todos os dias, exactamente, á mesma obra. Na casa os relogios poderiam ser acertados na certeza de que seu regresso marcava, sempre, nem mais nem menos, oito horas em ponto. Trabalhava incessantemente e si não verificasse os resultados de seu trabalho, temeria a sua inefficacia, como esses golpes de pesadelo que nunca chegam. Seus movimentos eram assim, como nos sonhos. Suas companheiras indagavam de sua nacionalidade e ella lhes respondia com evasivas: "Minha patria fica longe, e eu nunca mais a verei". Quanto a sua exacta situação geographica, nada se poude esclarecer. Acabaram esquecendo. Era uma sombra. Na cozinha todas riam, e a maledicencia corria como uma gangrena: "Dizem que a patrôa está enganando o patrão..." Sasha não se fazia éco de nada, e conservava sua impermeabilidade. Nunca tomou parte, com um gesto siquer, em toda aquella torrente de commentarios vulgares. A reputação da patrôa estava já esfarrapada, e Sasha *não sabia de nada*, encerrada em seu eterno mutismo. Si Bebé movimentava aquelles musculos intumescidos tocando a mola do sorriso. Uma noite, correu pela casa um sopro de tragedia. Gritos, prantos, portas que se fecham estrepitosamente.

Pela manhã, entre as cinzas da chaminé, cartas queimadas; na cama, um vazio, e em meio do silencio que povôa a casa, o riso de Bebé, que não sabe por que chora *mamã*.

Passou o tempo. Tudo recuperou seu rythmo habitual. A senhora voltou a sorrir, o espelho devolvia-lhe expressões risonhas e Bebé tinha cada dia um encanto mais. Aquillo do passado fôra apenas um gesto de mulher rebelde, que quiz attribuir á vida a culpa de seu erro sentimental.

Queria *sua parte*, e como o destino não lhe deu, lhe roubou um poço de felicidade. Por que se precisa da licença de todos para o que devia bastar o accordo de dois corações? Serenou-se-lhe o espirito, aspirou com volupia a liberdade e nada mais pediu á vida, que a deixou, uma vez, amar.

Cahiu de novo a serenidade sobre o lar que uma vez estremeceu de espanto.

Um dia, para assombro de todos, elle voltou. Trazia um enygmatico sorriso de triumpho.

Chegaram á cozinha fragmentos de um dialogo violento: ..."ninguem m'o poderia tirar"... "teu lodo o sujará"... "Infame, que assim queres vingar tua afronta"... "Solta-o, que é meu!"...

Depois, o pranto de Bebé e o ruido de um corpo que cáe pesadamente. Os criados, alvoroçados, correm entre curiosos e solicitos, deitam a senhora, choram por Bebé e se admiram da impassibilidade de Sasha. Esta apenas pergunta: *por que?*, e não prosegue mais quando lhe informam: "E' ordem do juiz que Bebé more com o pae"...

Decorrem os dias. A senhora não come, nem dorme, nem chora. Parece a estatua da dor. De repente, chega, espavorida, uma creada:

— Patrôa, patrôa! Leia o jornal!

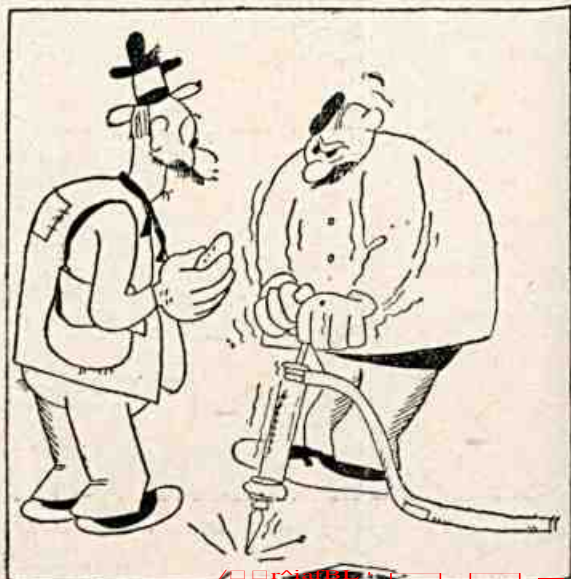
E, em grandes letreiros, a senhora lê:

"Esta manhã, foi encontrado morto, com uma punhalada, o conhecido facultativo doutor..."

E, então, se desfaz em pranto.

. . . .

Naquella manhã, Sasha só voltou ás 9 horas. Começou seu trabalho sem pressa, como todos os dias. Apenas havia algo novo em sua expressão Havia-lhe como que estereotypado no rosto o mesmo sorriso incerto e doce dos dias em que apparecia Bebé...

MARTHA MOLINA GOWLAND DE PASSE

— Quer me fazer o favor de partir esse pãozinho?...

O FILHO DO ALTÍSSIMO

TREZ mil annos após a creação do mundo, termina Salomão o Templo de Jerusalem, o único templo do verdadeiro Deus consagrado.

Morre depois o successor de David, e divide-se em dois reinos a herança do rei propheta: o de Judá e o de Israel.

No reino de Judá perpetúa-se a posteridade do victorioso rei que matára o gigante Golias, no tempo em que florescêra a Illíada e a Odysséa do primevo poeta grego, o grande Homero e o primeiro escriptor mundial após Moysés.

Mais tarde, é preso o rei Joaquim com os mais importantes judeus e vão todos «conduzidos a Babylonia para o supplicio do captiveiro». Nove annos depois, o rei Sedecias e seu povo vão igualmente conduzidos captivos a Babylonia; torna-se a Judéa uma provincia do Império da Assyria; é Jerusalem completamente reduzida a cinzas; Jeremias nas ruinas de Jerusalem consolava os Judeus.

Sessenta e oito annos depois, Cyro toma Babylonia; dois annos mais era por esse rei persiano promulgado o famoso édito que determinava aos judeus o regresso á patria; reconstrúe-se o templo celebre, designado a *mansão dos eleitos*.

Sob o jugo dos reis do Egypto e da Syria rebellam-se os judeus contra Antiocho e reconquistam a independencia com o governo dos maccabeus, cujos successores adoptavam o titulo de *reis da Judéa*.

Então, em todo o orbe os homens adoravam os falsos deuses; reinava a mais extravagante idolatria; e não obstante os filhos da Judéa acreditarem em Deus verdadeiro, davam-no a perceber mais por factos exteriores do que pelo sentimento.

Era tremenda a luta no meio dos *maccabeus*, e chamados os romanos para decidirem um pleito entre aquelles, tomam conta das terras, do governo da Judéa e decidem coisa diversa: nomeiam Herodes governador, usurpando o poder aos filhos do logar.

Sob o reinado desse principe, desejavam todos com ansiedade a vinda do Messias promettido que seria fatalmente um judeu, porquanto sabiam ser a religião judaica a que mais se aproximava do Deus verdadeiro. E sob esse reinado nasce o Redemptor.

* * *

O universo inteiro, todas as almas — tudo, nas proximidades da vinda do Deus menino, respirava paz, tranquillidade.

As mães com mais confiança acariciavam os filhos, certas de não lhos arrancar dos braços mão impiedosa e homicida.

Na Cidade Eterna havia relativa felicidade. Havia flores nos campos, ouro no commercio, paz nas ilhas do mar, nas margens do Euphrates; gozava-se tranquillidade nas terras da Luzitania e nos confins das Mauritanias.

Homens, dantes orgulhosos da farda ás costas, lavravam os campos; corcéis, dantes utilizados nas guerras, puxavam arados.

Poetas, pessôas de fino espirito que viveram sempre olvidadas, substituiam os guerreiros; em vez de se discutir a agilidade dos gladiadores, admirava-se a habilidade do homem de pensar sadio. Desapparecia o louvor aos soldados, para dar logar ao mérito dos pensadores.

Nos jardins, nos campos, nos prados ouviam-se os sons das lyras voluptuosas, ouviam-se os cantos immortaes dos vates cheios de gloria. Era a paz celebrada, a alegria suave que reinava no peito do gênero humano.

Comtudo, com toda aquella paz serena, alegria suave, felicidade tranquilla, parecia algo existir de mysterioso no seio da cidade, no coração da aldeia: muitas vezes assediados para consultas e baseados na predicção dos prophetas, pretendiam os astrólogos, os velhos falar de um rei celeste que viria do nascente da Judéa, afim de reconstituir o governo do mundo.

E appareciam esses rumores por toda parte: na palhoça, na choupana, na casa mais simples, no palácio mais luxuoso.

Emquanto, com a fronte coroada de flores, afinava Ovidio a lyra sonorosa, e celebrava Horacio os bons vinhos do protector, ao tempo em que Propercio illustrava Cinthia, — erguia Athenas um altar ao *Deus Desconhecido*, e o Cysne de Mantua, no auge das suas exaltações lyricas, como si fôra um mágico a prever a vinda do Messias, revelava sem dissimulação o que vinha presenciando:

«Como todo o mundo se abala,»
«Como as terras, os vastos mares»
«exultam de alegria com o»
«século que vae começar...»
«O infante governará o mundo»
«pacifico... A serpente perecerá...»

E realizára-se em parte a prophecia do poeta da *Eneida*, das *Geórgicas* e das *Bucólicas*: após duas décadas o archanjo Gabriel, inspirador do Alcorão a Mahomet, annunciára a Maria a vinda de um filho a quem daria o nome de Jesus; e, comquanto não haja desapparecido a serpente, ainda prêsa á perfidia e maldade do coração humano, nascêra o Rei Menino para apascentar o povo de Israel, o qual, com excellência e absoluto poder, reina ainda sôbre infinitos milhares de almas que guardam a fé christã. E a christandade saúda hoje, como saudará sempre, *per omnia secula seculorum*, o Filho do Altíssimo.

HERMINIO LYRA

(Do livro inédito "Horas de ócio").

MEU PRESENTE DE NATAL

O Natal ainda continúa a ser, entre nós, a festa das familias, apesar de terem desapparecido quasi todas as tradições.

São sem conta os lares onde se festeja, desde a vespera, o grande dia da humanidade christã.

Neste Natal, fui distinguido com um convite para ceiar em casa de Mme. Fontoura, que religiosamente festeja todos os annos a grande data.

A minha amiga, dama que dispõe de um largo circulo de relações, reuniu, em sua agradavel vivenda, um grande numero de pessôas de sua amizade e todas ellas enthusiastas por tal festa.

A ceia decorreu num ambiente de alegria e de communicativo bom humor, destacando-se a solicitude encantadora de Mme. Fontoura para com os seus convidados.

Durante a ceia, Mme. Fontoura manteve uma *causerie* interessante, prendendo a attenção geral, com a sua palavra convincente e magica, dissertando sobre os feitos de Pápae Noel.

A' ceia, seguiram-se as danças animadas, que se prolongaram até alta madrugada, quando se retiraram os convidados. Tres ou quatro dos mais intimos de Mme. Fontoura deixaram-se ficar em palestra, e, dentre elles, eu tive a honra de ser insistentemente convidado a assistir ao alvorecer do grande dia.

Palestrou-se animadamente. Em meio da palestra, Mme. lembrou-se de collocar o seu sapatinho de setim azul fóra da porta, para que Papáe Noel nelle depositasse o seu presente. As outras damas imitaram o gesto da dona da casa, indo cada qual collocar o seu sapato junto ao de Mme.

Installado num confortavel *mapple*, eu sentia um prazer infindo testemunhando a alegria daquella gente.

Foi Mme. Fontoura que me despertou, perguntando-me:

— Não vae tambem collocar o seu sapato, Haroldo?

— Para que Mme?

— Para o presente que Papáe Noel deve ter para o sr...

— Não acredito, minha bôa amiga, que o velhinho se lembre de mim com um presente. Demais, eu já fui victima de uma perfidia de Papáe Noel...

— Não julgue Papáe Noel, um vingativo. Não; elle é bom e não guarda rancor de ninguem. Col-

FÉ

Tem Fé, apenas Fé — a vaga Fé-virtude,
sem apoio qualquer de nossa Intelligencia...
Crer, apenas por crer, sem que jamais se estude
de um credo a procedencia...

Acceitar, sem saber na maior amplitude,
os dogmas ou leis que não cabem na Sciencia,
e se attribuem, por tal, num commodismo rude,
a uma Divina-Essencia...

— é um menoscabo odioso ao Pensamento Humano,
pois Elle é que resume, em seu glorioso arcano,
o Sôpro feito Luz!

Allia sempre a Sciencia á Virtude que almejas!
— Não vês que ha sempre um para-raio nas igrejas,
ao pé de cada cruz?—

ESPERANÇA

Da Esperança se diz: — um consolo efficaz
que as chammas do Soffrer transforma em suave algôr;
que absterge e suaviza as feridas da Dôr,
e nos tumultos da Alma estabelece a Paz...

Mas não só o soffredor da Esperança é capaz!
Além de ser commum como expressão de amor,
toda gente, afinal, — seja embora o que fôr —
espera, sempre espera... e a espera a satisfaz?

loque tambem o seu sapato e verá, logo mais, si não é verdade o que estou affirmando.

— Somente para corresponder á sua gentileza, Mme. Fontoura, eu imitarei o gesto, tendo, porém, a certeza de que, si algum larapio não levál-o, o meu sapato amanhecerá vazio como está, e apenas humedecido pelo orvalho...

Tirando um escarpim, fui collocál-o ao lado do sapatinho de Mme., voltando a occupar o meu mapple.

O resto do tempo foi consumido numa agradavel palestra, em que sempre se destacava o fino espirito de Mme. Fontoura.

O dia surgiu radiante de luz.

Estava eu lendo, a pedido de minha bôa amiga, "Toi e Moi", de Paul Geraldy, e, precisamente quando em voz alta lia "Dualisme", o silencio foi quebrado e a nossa attenção despertada pela entrada brusca da galante Lady — a filha e "anjo da guarda" de Mme. — que numa alegria incontida vinha nos mostrar o presente que Papáe Noel havia collocado no seu sapatinho: — uma linda boneca de biscuit.

Todos se ergueram e correram a arrecadar o seu sapato, havendo em cada um, uma lembrança de Papáe Noel.

— Vá buscar o seu sapato, Haroldo — disse Mme. Fontoura.

Obedeci, docilmente, á ordem, e caminhei até o local, onde havia collocado horas antes o meu escarpin.

Elle lá estava. Recolhi-o humedecido pelo orvalho, e verniz retinha pequeninas gottas que brilhavam aos reflexos da luz.

— Então, Haroldo?

— Vazio, como affirmei, minha bôa amiga!

— Não é possivel! — disse Mme. Fontoura. — Procure bem, lá, no fundo...

Obedeci e fui encontrar um papel minusculo, roseo. Retirei-o. Estava escripto.

Uma letra miuda, nervosamente feminina.

— Leia — falou Mme. Fontoura.

O papel roseo e minusculo, cujo aroma rescendia a "Chevalier D'Orsay", dizia assim: — *Vale um beijo nos meus olhos. A mulher dos teus sonhos.*

— Que presente régio! — exclamaram todos.

— Que felizardo! — disse Mme. Fontoura.

— Como sou infeliz!... — atalhei eu.

Natal de 1932.

ORLANTINO LOBEDO

Que esperas? — Um premio, um riso, uma satisfação,
ou um momento melhor, como compensação
de algum momento máu que na vida vivemos...

Assim, pois, da Esperança, é bem melhor dizer: —
— Um Sonho feito Fé... Uma illusão de crer
que merecemos mais do que aquillo que temos!

CARIDADE

Ser altruista é vencer, de victoria em victoria,
só com a nossa Razão, o innáto Egoismo Humano;
Vencendo-o, (e só por si a luta é já uma gloria),
esse Homem superpoz-se e fez-se sobrehumano.

Convencido, por fim, que a sua transitoria
utopia do Igual passou a desengano,
para logo pensou na idéa meritoria
de contrapôr o Bem ao Mal, á Dôr ao Damno...

Não me refiro o gesto amorpho em que se immola
um nickel, para dál-o a um mendigo, de esmola...
— A dádiva de um Sól é a luz de um vagalume? —

Caridade é tambem o Riso e a Fortaleza;
— e, quanta vez um olhar apaga essa tristeza
dos que não têm de esmola um sorriso... um perfume!

EUGENIO DE FIGUEIREDO

(De "Scherzos e Symphonias", inédito)

PEDRO NEGRO

(SHERLOCK HOLMES — POR CONAN DOYLE)

(CONTINUAÇÃO)

O joven inspector fez uma careta a esta ironica observação.

— Fiz mal em não lhe pedir para vir logo de principio; agora já é tarde. Effectivamente havia no quarto alguns objectos que deviam chamar a minha attenção, e em especial o arpão que tinha servido para o crime.

"Tinham-n'o tirado de um cabide pregado na parede, onde estavam pendurados mais dois, ficando vago o logar do terceiro. Os cabos tinham gravada a seguinte inscripção: "SS Unicornio do Mar. — Dundee" (1).

"Isto parece demonstrar que o crime foi praticado num momento de colera, e que o assassino se serviu da primeira arma que encontrou á mão.

"A circumstancia de que o assassinio se perpetrou ás duas horas da manhã e que Pedro estava completamente vestido, parece provar que tinha uma entrevista com o assassino, tanto mais que em cima da mesa estavam uma garrafa de rhum, e dois copos servidos.

— Sim, disse Holmes. E' muito provavel. Havia lá no camarim outra bebida alcoolica que não fosse rhum?

— Sim, havia na arca um licoreiro com cognac e whisky. Mas isso não tem importancia nenhuma, porque os frascos estavam cheios, não lhes tinham tocado.

— Não obstante, a sua presença tem uma certa significação, disse Holmes. Emfim, indique-me os objectos que lhe parece podem ter qualquer relação com o crime.

— Estava em cima da mesa esta bolsa de tabaco.

— Em que sitio da mesa?

— No centro. E' de pelle de phoca e fecha-se com uma correia de couro. Nas pestanas acham-se as iniciaes P. C. Continha meia onça de tabaco forte, usado pelos maritimos.

— Muito bem! Nada mais?

Stanley Hopkins tirou do bolso uma carteira de capa cinzenta. O exterior estava bastante deteriorado, indicando muito uso. As paginas estavam desbotadas. Na primeira estavam escriptas as iniciaes J. H. N. e a data 1883. Holmes collocou-a em cima da mesa, examinou-a com o habitual escrupulo, emquanto Hopkins e eu olhavamos por cima do hombro delle.

Na segunda pagina estavam impressas as letras C. P. R., depois paginas cobertas de algarismos, depois um cabeçalho:

"Argentina", logo outro: "Costa Rica", e ainda outro: "San Paulo" e sob cada um destes titulos, paginas cheias de letras e algarismos.

— Que me diz a isto? perguntou Holmes.

— Parecem listas de cotações de Bolsa. Pensei que J. H. N. deviam ser as iniciaes de qualquer corrector, C. P. R. as do seu cliente.

— Ora veja se será isto: Canadian Pacific Railway! (2).

Stanley Hopkins praguejou entre dentes, dando uma palmada no joelho.

— Que pateta que eu sou! exclamou elle. E' com certeza isso. Não temos então senão que decifrar as iniciaes J. H. N. Já examinei as antigas listas do pessoal cujo nome corresponda a essas iniciaes. E comtudo estou certo que está ahi a chave do mysterio.

"O sr. Holmes não acha que estas iniciaes podem ser as da segunda pessoa que estava presente, isto é, as do assassino? A descoberta deste documento, dizendo respeito a valores importantes, póde ser muito util para determinar o movel do crime.

Li na physionomia de Sherlock Holmes que elle ficara impressionado com estas novas observações.

(1) As iniciaes SS significam steamship, (navio de vapor).

(2) Estrada de Ferro do Canadá ao Pacifico.

— Admitto isso tudo — disse elle — e esta carteira, que não figurou no depoimento escripto, modifica, reconheço, a opinião que eu tinha já formulado. Tinha chegado, para explicar o crime, a uma hypothese que já não serve. Achou algum indicio dos valores em questão?

— Anda a tratar-se disso lá na policia, mas receio bem que os registros dos accionistas destes valores sul-americanos estejam na America do Sul, e que tenhamos de esperar algumas semanas antes de apanhar qualquer rasto.

Holmes examinou com a lente a capa da carteira.

— Aqui ha uma nodoa — disse elle.

— Sim senhor, é uma nodoa de sangue. Como lhe disse, apanhei este livro no chão.

— A nodoa de sangue está por cima ou por baixo?

— Por baixo.

— O que prova que o livro cahiu depois do crime.

— Foi justamente o que eu pensei, sr. Holmes, e tirei a conclusão de que o assassino o deixou cahir na precipitação da fuga. Além disso, a carteira estava ao pé da porta.

— Creio que nenhum destes valores pertencia á victima?

— Não senhor.

— Tem qualquer motivo para acreditar num roubo?

— Não, senhor; sou de opinião que não tocaram em coisa alguma.

— Realmente, este caso é devéras interessante. Não achou nenhuma faca?

— Sim, uma faca-punhal, mettida n'uma bainha. Achei-a aos pés do cadaver. Mistress Carey reconheceu-a como pertencendo a seu marido.

Holmes poz-se a pensar.

— Bem! — disse elle — creio que será bom eu ir deitar por lá uma vista d'olhos.

Stanley Hopkins soltou um grito de alegria.

— Muito obrigado, sr. Holmes, tira-me um grande peso de cima dos hombros.

Holmes ameaçou com o dedo o inspector.

— A minha tarefa era mais facil ha oito dias — disse elle — mas em todo o caso, a minha visita sempre será de alguma utilidade. Se tem tempo para isso, Watson, estimava muito que viesse commigo... Tome pois uma carruagem, Hopkins, que daqui a um quarto de hora partimos para Forest Row.

* * *

A' sahida de uma estação do caminho de ferro, andamos alguns kilometros de carruagem por entre extensas mattas, restos das grandes florestas, que puderam resistir tanto tempo ás invasões dos Saxonios, e foram como uma barreira, que se oppoz durante sessenta annos áquella impetuosa torrente. Foram derrubados grandes espaços, porque se descobriram alli as primeiras minas de ferro daquella região, e tiveram que servir-se das arvores para a fundição do metal. Desde que as terras do norte monopolisaram esta industria, só restam alli grandes excavações, vestigios dos trabalhos de outr'ora. No meio de uma clareira, situada no cimo de uma verdejante collina, levanta-va-se uma casa de cantaria, comprida e baixa. Chegava-se lá por uma avenida que colleava pelo campo. Mais perto da estrada, e cercado por tres lados pela matta, existia um pequeno edificio, cuja janella e porta estavam viradas para nós. Era alli o theatro do crime.

Stanley Hopkins levou-nos primeiro á casa, onde nos apresentou á viuva da victima, mulher de cabello grisalho, olhar espantado, magra, cara enrugada, lendo-se-lhe ainda o terror nos olhos avermelhados; contou-nos os máos tratos que soffreu do marido durante muitos annos. Uma rapariga delgada e pallida. Cujos olhos brilhavam numa especie de provocações, disse-nos que se sentia feliz com a morte do pae, e que abençoava a pessoa que o matara. Pedro Carey devia gabar-se da affeição que conseguiu espalhar em torno

(Cont. na pag. seguinte)

de si! Tivemos uma certa sensação de bem estar quando nos achamos no pequeno atalho que por muito tempo fôra pisado pela victima.

A casa era bastante acanhada. Era de madeira, com um telhado de ripas. Uma das janellas ficava perto da porta de entrada, a outra deitava para o outro lado. Stanley Hopkins tirou do bolso uma chave e inclinou-se para a fechadura, mas deteve-se de repente, em extremo surprehendido.

— Alguem mexeu aqui! — disse elle.

Não havia duvida. Tinham cortado a madeira, e havia arranhaduras de fresco na pintura. Entretanto Holmes tinha examinado a janella.

— Tambem quizeram arrombar esta janella — disse elle — mas não o conseguiram. O ladrão não é lá muito habil!

— Que coisa extraordinaria! Ia jurar que hontem á noite não havia aqui estes vestigios.

— Talvez fosse algum curioso do sitio — disse eu.

— E' pouco provavel, não se atreveriam a entrar na propriedade e muito menos penetrar no camarim; que lhe parece, sr. Holmes?

— Eu acho que estamos com muita sorte.

— Quer dizer que o sujeito voltará?

— Naturalmente. Quem veio julgava encontrar a porta aberta. Diligenciou abril-a com a folha de um canivete, não o conseguiu; que tinha a fazer? Voltar no dia seguinte com ferramenta mais sólida.

E' o que me parece, e faremos muito mal se cá não estivermos para o receber. Vejamos o inteior do camarim.

Os vestigios do drama haviam desapparecidos, porém os moveis estavam tal qual como na noite do crime. Holmes observou por mais de duas horas cada objecto de per si, mas bastava olhar para elle para se ver que nada tinha descoberto. Só uma vez se demorou nas suas pacientes pesquizas.

— Tirou alguma coisa desta prateleira, Hopkins?

— Não, nem lhe mechi.

— Pois tiraram daqui qualquer coisa. Aqui não ha poeira, neste sitio devia estar um livro ou uma caixa. Por agora não posso fazer nada mais.

"Watson, vamos dar uma volta por estes bellos bosques, consagremos algumas horas aos passaros e ás flores. Encontrar-nos-emos aqui logo, e vamos a ver se poderemos conhecer o cavalheiro que veiu aqui a noite passada".

A's onze horas da noite preparamos a nossa emboscada. Hopkins queria deixar aberta a porta do camarim, mas Holmes não concordou, e lembrou-lhe que isso iria despertar suspeitas. A fechadura não era nada complicada, e bastava uma forte lamina de aço para empurrar a lingueta.

Holmes decidiu que ficássemos da parte de fóra, perto da janella, deitados no matto, donde podiamos vigiar o patusco, se elle accendesse a luz, e ao mesmo tempo averiguar qual o objectivo da visita nocturna. Foi uma longa e lugubre vigilia, e sentimos a commoção que o caçador experimenta quando está á espreita da caça. Que qualidade de féra iriamos nós vêr? Algum profissional do crime com quem seria necessario travar luta renhida para o prender? Ou algum timido chacal só perigoso para fracos e indefesos?

Estendemo-nos debaixo das arvores e esperamos em silencio. A principio, os passos dos retardatarios, e o som de vozes da visinhança distrahiam-nos; pouco a pouco foram-se extinguindo aquelles sons, e não ouvimos senão, de vez em vez, as horas na igreja longinqua, e a bulha de uma chuva miuda que cahia nas arvores por cima das nossas cabeças. Acabava de ouvir-se a meia hora depois das duas, a hora mais tétrica da noite antes da aurora. De repente, fomos sobresaltados por um ruido metallico perto do portão. Entrara alguem na alameda. Depois ficou tudo em silencio, e eu perguntava a mim mesmo, se não tinhamos tido algum pezadello, quando se ouviram passos furtivos do lado opposto do camarim. O homem estava tratando de arrombar a fechadura. Desta vez foi mais esperto, ou era melhor a ferramenta, porque se distinguiu um som secco, e a porta girou nos gonzos. Accendeu-se um phosphoro, e num instante o interior da casa ficou illuminado por uma véla. Através da cortina de cassa, observavamos a scena.

O visitante nocturno era um rapaz delgado e franzino, de bigode muito negro, que mais lhe accentuava a pallidez. Não teria mais de vinte annos. Nunca vi creatura humana com tal aspecto de terror. Batia os dentes e tremia-lhe o corpo todo. Vestia decentemente jaquetão de prégas, calção curto, e bonet de panno. Olhava espantado em torno de si. Depois, collocou a vela em cima da mesa, e foi para um dos cantos do quarto, que o escondeu de nós. Voltou trazendo um livro de bordo que tirara de uma das prateleiras. Curvado sobre a mesa, vimol-o virar rapidamente as folhas até achar o que procurava. Então, com um gesto de cólera, fechou o livro, tornou a pôl-o no canto, e apagou a luz. Apenas se tinha voltado para sahir do camarim, Holmes agarrou-o pela gola do casaco. Sentindo-se preso, deu um grito de terror. Tornou-se a accender a vela e o nosso prisioneiro pôz-se a tremer nas unhas do detective. Deixou-se cahir sobre a arca e olhou-nos successivamente com um enorme desespero.

— Vamos, amigo! — disse Stanley Hopkins — quem é e o que faz aqui?

(*Cont. na pag. seguinte*)

O homem esforçou-se para recuperar o sangue frio.

— Os senhores são da policia, supponho eu, e pensam que eu tomei de algum modo parte no assassinato do capitão Pedro Carey; juro-lhes que estou innocente.

— Isso veremos — disse Hopkins — porém primeiro que tudo, como se chama?

— John Hopley Neligan.

Vi Holmes e Hopkins trocarem um rapido olhar.

— Que faz aqui?

— Posso falar confidencialmente?

— Não, certamente que não.

— Então para que hei de falar?

— Se não responder peior será para si quando fôr a julgamento.

O rapaz estremeceu.

— Pois bem! vou dizer-lhes... porque não?... E comtudo custa-me devéras ter de recordar este antigo escandalo. Nunca ouviu falar de Dawson e Neligan?

Vi na cara de Hopkins que nunca em tal ouvira falar, mas ao contrario Holmes parecia muito interessado.

— Quer falar dos banqueiros de Oeste? Tiveram uma fallencia de um milhão, e arruinaram metade das familias de Cornwall. Neligan desappareceu?...

— Exactamente, era meu pae!

Tinhamos afinal uma pista a valer, e comtudo ainda muitos élos a descobrir entre a quebra do banqueiro e o assassinato de Pedro Carey. Escutamos com todo o interesse a narrativa do rapaz.

— Foi meu pae o unico que soffreu com a fallencia. Dawson tinha-se retirado. Tinha eu dez annos nessa época, mas a idade precisa para sentir a vergonha que pesava sobre nós. Affirmou-se sempre que meu pae tinha fugido levando importantes valores; era mentira, e elle tinha a convicção que se lhe dessem algum tempo teria reembolsado todos os credores. Partiu para a Noruega a bordo do seu pequeno yacht, pouco antes de ser dada ordem de prisão contra elle. Ainda me lembro da noite em que se despediu de minha mãe. Deixou-nos a relação dos valores que levava comsigo e jurou-nos que voltaria quando tivesse rehabilitado o seu credito, e que ninguem teria que se queixar delle. Nunca mais delle tivemos noticias. Elle e o seu yacht desappareceram de todo. Pensamos, minha mãe e eu, que o navio teria naufragado com meu pae e todos os seus valores. Tinhamos um amigo dedicado, homem de negocios. Foi elle quem descobriu, ha pouco tempo, que alguns dos valores levados por meu pae tinham sido postos á venda no mercado de Londres. Podem calcular o nosso espanto! Passei mezes a seguir-lhes a pista, e ao cabo de bastantes difficuldades, descobri que o primeiro vendedor tinha sido Pedro Carey, dono desta barraca.

"Já se vê, fiz um inquerito a seu respeito, e soube que tinha commandado um baleeiro, que viera dos mares articos na época em que meu pae havia feito a travessia para a Noruega.

"O outomno daquelle anno tinha sido especialmente tempestuoso; o yacht podia ter sido arrastado para o norte, e encontrar o navio do capitão Carey.

"Se assim era, que seria feito de meu pae? Em todo o caso, Pedro Carey podia informar-me em que condições estes valores tinham sido negociados no mercado; isso servir-me-ia para provar que meu pae não os vendera nem tirara delles o menor proveito.

"Vim a Sussex com o fim de ter uma entrevista com Pedro Carey, mas cheguei justamente na occasião da sua morte. Li a descripção do camarim, e notei que elle guardava alli os seus livros de bordo.

"Pensei que se eu chegasse a saber o que se passou no mez de agosto de 1883 a bordo do *Unicornio*, conseguiria desvendar o mysterio que sempre envolveu a desapparição de meu pae.

"Hontem á noite quiz ver se achava esses livros, mas não pude abrir a porta. Esta noite, repeti a tentativa, e consegui; mas verifiquei que tinham sido arrancadas do livro as paginas correspondentes áquella época. Neste momento é que os senhores me apanharam.

— Mais nada?

— Nada mais.

E desviou de nós o olhar.

— Não tem mais nada a dizer-nos?

— Não tenho, não senhor.

— Não veiu aqui antes da noite passada?

— Não.

— Então explique lá isto? — exclamou Hopkins mostrando a carteira com as iniciaes do preso e a capa manchada de sangue.

O desgraçado cahiu aniquilado.

Escondeu o rosto nas mãos, tremendo da cabeça aos pés.

— Onde a achou? — murmurou elle — Já não me lembrava della. Julguei que a tinha perdido no hotel!

— Bom, basta — disse Hopkins severamente — E' na frente dos magistrados que daqui em deante tem que se explicar. Agora venha commigo ao commissario. Senhor Holmes, estou-lhe immensamente grato, a si e ao seu amigo, por me terem acompanhado. Em vista deste resultado, posso dizer que a sua presença era inutil, e que eu devia ter dispensado o seu auxilio, entretanto fico-lhes deveras reconhecido. Mandei-lhes reservar quartos no hotel Brambletye, podemos pois ir juntos até á villa.

— Então, Watson, que parece tudo isto? — perguntou-me Holmes, no dia seguinte de manhã, quando vinhamos em viagem.

(*Cont. na pag. seguinte*)

— Pereceu que você não está satisfeito.

— Oh! sim, meu caro Watson, estou satisfeitissimo. Comtudo, o systema de Hopkins não me parece muito recommendavel. Enganei-me a seu respeito. Esperava mais da sua intelligencia. E' necessario estudar sempre duas hypotheses, uma favoravel, outra contraria. E' regra geral em inqueritos criminaes.

— Qual é a segunda, neste caso?

— A que eu adopto neste momento. Talvez não dê nada, comtudo seguil-a-ei até ao fim.

* * *

Em Baker Street, havia muitas cartas á espera de Holmes; abriu uma, leu-a e teve um riso de triumpho.

— Optimo, Watson, confirma-se a minha hypothese. Tem ahi um impresso de telegrammas em meu nome: "Summer, corrector maritimo, Ratcliff Highway. — Mande-me os trez homens amanhã ás dez horas da manhã. — Basil." E' este o meu nome de guerra ali; vamos ao outro: "Inspector Stanley Hopkins, 46, Lord Street, Brixton. — Venha almoçar amanhã nove horas e meia. *Importante.* Telegraphe se impossivel. — Sherlock Holmes." Agora está prompto, Watson! Este assumpto persegue-me ha dez dias; agora já não dá cuidado. Espero que amanhã teremos o desenlace.

O inspector Stanley foi pontual ao convite, e começamos a fazer as honras ao delicioso almoço que Mistress Hudson nos prepara. O moço detective estava muito ufano com o seu grande exito.

— Então, está bem certo que é exacta a sua solução? — perguntou Holmes.

— Parece-me difficil haver prova mais completa.

— Ainda assim, não acho muito concludente.

— O' sr. Holmes, espanta-me; que se pode exigir mais?

— A sua hypothese não offerece nenhuma lacunas?

— Decerto que não. Provo que o moço Neligan chegou ao hotel Brambletye na noite do crime, dizendo que vinha jogar o golf. O seu quarto era no rez-do-chão, donde podia sahir á vontade. Vae nessa mesma noite a Woodman's Lee, procurar Pedro Carey, arma uma questão com elle, e mata-o com o arpão. Aterrado com o que fez, foge, depois de ter deixado cahir por descuido no camarim a carteira, que tinha trazido para fazer ao capitão certas perguntas sobre os valores que ali estavam sublinhados. Correspondiam aos que foram achados no mercado de Londres. Os outros com certeza ficaram em poder de Carey, e o joven Neligan, a acreditar na sua declaração, desejava obtel-os na intenção de compensar os credores de seu pae. Depois da sua fuga decerto não se atreveu a voltar, e teve que se encher de coragem para alcançar os esclarecimentos que lhe faltavam. Não ha nada mais simples, mais evidente.

Holmes sorriu e abanou a cabeça.

— Ha apenas uma objecção: é que a sua hypothese é de todo impossivel. Já experimentou alguma vez atravessar um corpo com um arpão? Nunca, não é assim? Comtudo, é um pormenor nada para desprezar, meu caro; o meu amigo Watson pode-lhe contar como eu passei uma manhã inteira entregue a esse exercicio. Não é coisa facil, creia, é preciso um braço muito forte e uma grande pratica. O golpe foi dado com tal violencia, lembra-se? que a ponta da arma foi embeber-se profundamente no tabique. Você pode por um instante que seja, acreditar que aquelle rapaz tão fraco tivesse força bastante para praticar semelhante proeza? Será esse o homem que estava alta noite a beberricar rhum com Pedro Negro? Foi o seu perfil que se viu destacar no store duas noites antes? Não, não, Hopkins, é um homem muito mais temivel esse que temos a descobrir.

O detective ficou de beiço cahido depois do discurso de Holmes. Via sumirem-se-lhe as esperanças e com ellas as suas ambições mas não queria render-se sem lutar.

— Não se pode negar que Neligan viesse ali naquella noite, sr. Holmes. Lá está a sua carteira a proval-o. Creio bem, diga o senhor o que disser, que tenho bastantes indicios para convencer o jury. Alem de que eu prendi o meu homem; diga-me agora o senhor onde está esse tal sujeito tão perigoso de que me fala?

— Desconfio, disse Holmes com a maior serenidade, que vem subindo a escada! Será mesmo conveniente, Watson, que tenha á mão o seu revolver.

Holmes levantou-se, e poz sobre uma mesa uma folha de papel escripta.

— Agora estamos promptos, disse elle.

Tinham-se ouvido vozes asperas no patamar, e mistress Hudson abriu a porta e annunciou que tres homens desejavam falar ao capitão Basil.

— Que entrem a um e um — respondeu Holmes.

O primeiro, era um homemsinho de faces rosadas e suissas brancas. Holmes tirou do bolso uma carta.

— Como se chama?

— James Lancaster.

— Sinto immenso, Lancaster, mas já não ha vaga. Tome lá meia libra pelo seu incommodo. Entre para aquelle quarto e espere alguns instantes.

O segundo, era um homem alto e magro, cabellos compridos e faces encovadas. Chamava-se Hugo Pattins. Foi tambem rejeitado, recebeu meia libra e ficou tambem á espera.

O terceiro era um homem de força herculea, cara de "bull dog", emoldurada por uma matta de cabellos e de barba. Por debaixo das espessas sobrancelhas brilhavam dois olhos muito negros.

(*Continua no proximo numero*)

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) ..... 48$000
Semestre (26 ») ..... 25$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) ..... 70$000
Semestre (26 ») ..... 36$000

PARA O ESTRANGEIRO:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) ..... 78$000
Semestre (26 ») ..... 40$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) ..... 115$000
Semestre (26 ») ..... 60$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON - FON

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Director: SERGIO SILVA

Redactor-chefe: Thesoureiro:
Gustavo Barroso Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:
62, Rua Republica do Perú, 62
(Antiga Assembléa)

Telephones: Administração: 2 - 4136
Director: 2 - 0377 Caixa Postal: 97

Endereço telegr.: FON - FON

Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA
FON-FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa:
E. Bourdet & Cia. 9, Rua Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

Venda avulsa .... 1$000
Numero atrazado ...... 1$800

O MAIS AFAMADO CALÇADO DE LUXO
NAS SAPATARIAS DE LUXO
PEÇA
"FOX"
O CALÇADO DA ELITE
O UNICO VERDADEIRAMENTE INCOMPARAVEL
PARA SUA GARANTIA EXIJA NA SOLA ESTAMPADO A FOGO, ESTE CARIMBO:
BRAGA & WOOLMAN FOX RIO R. MENDONÇA, 57 e 9
FABRICA DE CALÇADO "FOX"
RIO DE JANEIRO